

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS – FAJS**

MÁRCIO VINÍCIUS NUNES

**A COMPLEXA SEMELHANÇA ENTRE O TERRORISMO E AS ORGANIZAÇÕES
CRIMINOSAS BRASILEIRAS**

BRASÍLIA

2019

MÁRCIO VINÍCIUS NUNES

**A COMPLEXA E EVIDENTE SEMELHANÇA ENTRE O TERRORISMO E AS
ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS BRASILEIRAS**

Trabalho apresentado como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em Direito
pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais
do Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB. Orientador: Prof. Gabriel Haddad
Teixeira.

BRASÍLIA

2019

MÁRCIO VINÍCIUS NUNES

**A COMPLEXA E EVIDENTE SEMELHANÇA ENTRE O TERRORISMO E AS
ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS BRASILEIRAS**

Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Bacharelado em Direito
pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais
do Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB. Orientador: Prof. Gabriel Haddad
Teixeira.

Brasília, ____ de _____ de 2019.

Banca Examinadora

Prof. Gabriela Haddad, Me.

Prof.

Prof.

RESUMO

O presente trabalho aborda aspectos relevantes a respeito do terrorismo em uma perspectiva internacional e das organizações criminosas atuantes no território brasileiro e ressalta semelhanças entre ambos os fenômenos. Nesse sentido, descreveu-se as origens históricas do terrorismo e como seu início marcado por violência perpetuou por décadas e se faz presente nos dias atuais e também ressaltou-se os principais grupos terroristas que surgiram ao decorrer do tempo e alguns ataques que marcaram a história da humanidade. No mesmo âmbito, descreveu-se a trajetória das guerrilhas urbanas da América-Latina que surgiram com as lutas armadas de esquerda e como serviram de inspiração no surgimento das facções criminosas no Brasil. O objetivo do presente trabalho é investigar a possibilidade de classificar os crimes cometidos por facções e organizações criminosas dentro da Lei Antiterrorista 13.260/16, visto que a partir da revisão bibliográfica foi possível constatar diversas semelhanças entre as ações dos terroristas e as organizações criminosas. Assim, na visão do presente estudo, as organizações criminosas brasileiras deveriam sofrer as mesmas aplicabilidades penais que as ações terroristas, visto que suas ações se assemelham em vários aspectos com as atividades terroristas internacionais.

Palavras-chave: Terrorismo; Guerrilhas; Crimes Organizados; Facções Criminosas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 AS ORIGENS HISTÓRICAS DO TERRORISMO.....	9
2 GUERRILHAS E VIOLÊNCIA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA	19
2.1 A CONQUISTA DO MOVIMENTO GUERRILHEIRO NA VENEZUELA	23
2.2 GUERRILHAS CONTRA E A FAVOR DO REGIME MILITAR NA ARGENTINA.....	26
2.3 FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS DA COLÔMBIA.....	29
2.4 MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO CUBANO.....	33
2.5 MOVIMENTOS DE ESQUERDA NO BRASIL	36
2.5.1 BRASIL NA ATUALIDADE.....	42
2.5.2 PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL (PCC).....	44
2.5.3 COMANDO VERMELHO (CV).....	45
3 SEMELHANÇAS ENTRE TERRORISMO, GUERRILHAS E GRUPOS CRIMINOSOS	46
3.2.1 CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA.....	49
CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

O debate sobre terrorismo vem crescendo cada vez mais nos últimos anos. Os ataques terroristas e formações de grupos criminosos estão bem frequentes em todo o mundo, causando insegurança e sentimento de impotência. Entretanto, ataques com viés religiosos da forma que ocorre em outros lugares no mundo não deixaram marcas significativas no Brasil, entretanto, o país enfrenta ataques advindos de organizações criminosas que podem causar pânico e terror social, características semelhantes aos ataques cometidos por terroristas.

Quem se propõe a estudar o terrorismo encontra um cenário bastante complexo, em que há mais problemas a serem resolvidos do que soluções acabadas. O tema suscita controvérsias não só no meio jurídico, mas também nos fóruns de segurança pública e de relações internacionais. Além disso, os atentados terroristas são amplamente noticiados pela mídia, o que potencializa a comoção social e a disseminação de toda sorte de opiniões sobre o assunto. Com a globalização, esse tema foi rapidamente inserido entre as prioridades da comunidade internacional, de modo que vários instrumentos jurídicos vêm demandando que os Estados adotem todas as medidas necessárias ao combate e à prevenção do terrorismo.

O conceito de terrorismo ainda é um dos maiores desafios desse campo de investigação. Isso ocorre porque as características dos atos de terrorismo variam de acordo com as circunstâncias geográficas, históricas, políticas e culturais e por isso, terrorismo não tem uma definição concreta e universal. Cada autor e até mesmo cada país, pode atribuir um tipo de interpretação diferente para esse termo, o que acaba por dificultar a aplicação real das doutrinas existentes e a chegada a um consenso sobre seu entendimento.

Em países da Europa, onde ataques terroristas são frequentes, o autor Gunther Jakobs (1985) difundiu uma doutrina chamada ‘Direito Penal do Inimigo’. Sua ideia é utilizada para classificar o que seriam os terroristas e as penas e punições aplicáveis aos seus atos. (JAKOBS, 2009).

No entendimento do referido autor, os cidadãos que cometam delitos graves devem ser considerados inimigos do Estado, uma vez que, se descumprirem as normas estipuladas na sociedade, não devem ser possuidores dos mesmos direitos que abarcam um cidadão cumpridor das leis e real possuidor de direitos. Seguindo o seu raciocínio, se o cidadão é considerado um inimigo do Estado, ele deve ser tratado como um terrorista. (RAZABONI JUNIOR, 2017).

Claramente, a aludida teoria é alvo de muitas críticas, principalmente para alguns autores que alegam que suas formas de punição ferem princípios básicos dos direitos humanos.

Normalmente, a preocupação da sociedade se encontra apenas em evitar que o ato nocivo aconteça, não levando em consideração a forma com que será feita a intervenção, levando, por vezes, à utilização de tratamentos desumanos como tortura e outros tipos de atos considerados violadores de direitos, a fim de penalizar seus autores. (MELO, 2015).

Na atualidade, o Brasil vem buscando combater o grande aumento de crimes organizados, mais precisamente de facções criminosas. Os grupos que praticam o crime organizado são caracterizados por possuírem suas regras de atuação e seus motivos previamente estabelecidos, que podem ser, por exemplo, de origem política ou econômica. De modo geral, o objetivo é adquirir poder ou riqueza de forma ilegal. (CAMPOS, 2004).

Ao levar em consideração os aspectos supracitados, para concretizar suas ações as organizações criminosas utilizam meios ilícitos, que terminam por ferir pessoas inocentes no processo. Percebe-se que a existência das organizações criminosas é mais comum onde existe o envolvimento direto de drogas (tráfico de drogas), tráfico de armas e tráfico de seres humanos, envolvendo até mesmo corrupção e lavagem de dinheiro. (CAMPOS, 2004).

Ante o exposto, é possível notar que as ações dos agentes pertencentes a organizações criminosas envolvem atos que provocam terror social, implicando perigo a pessoas inocentes, ao patrimônio e a ordem pública, tendo em vista que os mesmos se utilizam de armas de fogo e outras formas para acarretar destruição em massa, o que em muito se assemelha à definição de terrorismo da Lei 13.260/16.

Trazendo à tona os aspectos mencionados a partir do Artigo 2º da Lei 13.260/16, este trabalho pretende investigar se seria possível classificar os crimes cometidos pelas organizações criminosas como uma forma de terrorismo, já que os mesmos podem aparentar semelhança em seus atos violentos.

É fundamental a importância de se debater o contexto do terrorismo. Além de ser um tema extremamente crítico, é também muito frequente na realidade de muitos países. Pela sua natureza obscura, possui dinâmica ainda pouco entendida o que dificulta a atuação preventiva de possíveis atos drásticos. As pessoas que cometem os aludidos atos podem estar em qualquer lugar, infiltrados em ambientes diversos e, muitas vezes, de difícil localização. Em

síntese, qualquer pessoa pode ser um terrorista real ou em potencial, sem levantar qualquer suspeita.

Mesmo diante dessa dificuldade, ou até mesmo impulsionada por ela, grande parte do combate ao terrorismo está ligada à tentativa de prevenção do ato terrorista, na tentativa de se evitar o pior acontecimento. (RAZABONI JUNIOR, 2017). Deste modo, analisar esse assunto pode favorecer a formação de mais conhecimento a respeito de seus praticantes e possíveis potenciais e também a compreensão sobre os motivos que levam à prática desses atos, possibilitando à sociedade a ter mais condições para prevenir seu acontecimento.

Em relação especificamente ao Brasil, apesar de atos terroristas parecerem algo distante da realidade, os cidadãos convivem cercados de muita violência, crimes e enfrentam uma falta de segurança, pois as autoridades não conseguem solucionar toda problemática existente. Nota-se logo que essa problemática demonstra diversos pontos em comum com o terrorismo, sendo que um deles é não saber ao certo identificar quem são os envolvidos dentro das organizações criminosas, o que leva a possibilidade de envolvimento qualquer cidadão sem que ninguém realmente tenha consciência dos reais motivos.

A título de exemplo, em muitos estados brasileiros moradores enfrentam verdadeiros cenários de guerra, enfrentando constante sensação de medo, falta de segurança e desamparo do Estado, o que acaba estabelecendo uma enorme sensação de pânico, similar ao pânico proporcionado por ataques terroristas.¹

Assim como os terroristas, líderes de facções tem cada vez mais poder, apoio financeiro indiscriminado, armamento disponível e ‘fiéis’ seguidores que se empenham em propagar seus atos contra a sociedade.

¹ G1 SP. *Ceará tem a primeira madrugada sem atentados depois de 13 dias*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/15/ceara-tem-a-primeira-madrugada-sem-atentados-depois-de-13-dias.ghtml>> Acesso em: 15 abr. 2019

MADEIRO, Carlos. *Com presídios dominados por facções, CE tem a 4ª onda de atentados desde 2016*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/com-presidios-dominados-por-faccoes-ce-tem-4a-onda-de-atentados-desde-2016.shtml>> Acesso em: 15 abr. 2019.

G1 RN. *Ataques a ônibus e prédios públicos no RN foram ordenados por facção criminosa, diz MP*. Rio Grande do Norte, 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/ataques-a-onibus-e-predios-publicos-no-rn-foram-ordenados-por-facciao-criminosa-diz-mp.ghtml>> Acesso em: 15 abr. 2019.

GODOY, Marcelo e MOREIRA Rene. *PCC ordena atentados simultâneos em RN e MG e põe outros Estados em alerta*. São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pcc-ordena-atentados-simultaneos-em-rn-e-mg-e-poe-outros-estados-em-alerta,70002337672>> Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUZA, Felipe. *Como PCC recruta ‘exército’ para fazer ataques nas ruas*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47229984>> Acesso em 15 abr. 2019.

Dessa forma, é importante classificar e conhecer as organizações criminosas, perceber sua forma de atuação e de seus integrantes com o intuito de minimizar sua força de desempenho para que seja possível prevenir possíveis ataques responsáveis pela violência.

Conforme afirmações apresentadas por alguns autores, apesar de não existir nenhum grupo terrorista de perspectiva internacional ameaçando o Brasil, a lei brasileira declara ser contra qualquer forma de terrorismo e ressalta a necessidade da criminalização contra o mesmo. (ESTEFANI, 2016).

É plausível trazer à tona que as organizações criminosas (mais violentas), com a intenção de atingir seus objetivos, utilizam instrumentos perigosos, infringindo diversas leis, praticando crimes como assassinatos, roubos, lavagem de dinheiro, entre outros, o que pode suscitar sentimento de pavor na sociedade, tendo em vista que seu poder de alcance muitas vezes é capaz de atingir múltiplos grupos de pessoas da mesma forma que ataques terroristas.

A partir desses fatos, este estudo toma como hipótese que é possível equiparar as atitudes e os modos de atuação dos integrantes de organizações criminosas no Brasil com as atitudes perpetradas pelos terroristas em outros países, já que os sentimentos que perpassam pela população são de medo e impotência, da mesma forma.

Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho busca elencar possíveis semelhanças e pontos em comum entre organizações criminosas e o que se conhece por terrorismo e analisar as organizações criminosas mais perigosas e violentas no Brasil e o impacto de seus atos na população. Isso será realizado após análise bibliográfica de textos, livros, artigos e notícias a respeito do terrorismo e suas origens históricas, sobre as guerrilhas na América Latina e suas ramificações, adentrando no contexto brasileiro e o início das facções criminosas. A discussão será baseada nas comparações de pontos em comum ou em apontar as divergências entre terrorismo e as facções criminosas no Brasil e uma breve análise da Lei Antiterrorista 13.260/16 e a Lei de Organizações Criminosas 12.850/13.

1 AS ORIGENS HISTÓRICAS DO TERRORISMO

No período histórico atual pode-se supor que uma maioria de pessoas de qualquer país ou sociedade já esteve em contato com o termo terrorismo. Seja por ter vivenciado um ato de terror ou pelo fato de já ter ouvido notícias a respeito de algum lugar que tenha sofrido ataque ou ameaça de um.

Muito se tem discutido, recentemente, a respeito de terrorismo. Cada vez mais os números de recrutados e mandantes estão aumentando e mais casos de planejamentos e ataques estão ocorrendo ao redor do mundo. Tendo em vista esses fatores, o debate sobre esse termo pode ser considerado algo comum em algumas regiões vítimas de tais atrocidades.

Em uma perspectiva histórica, muito se estuda a respeito de violência, guerras, mortes, injustiças, política e religião. Nesse sentido é possível fazer uma associação entre eles ao se discutir sobre terrorismo. Portanto, se esses fatores estavam presentes desde muito antigamente, quando o termo terrorismo se tornou utilizado para caracterizar tais atos que eram de comum acontecimento?

De acordo com historiadores, a primeira vez que a palavra terrorista foi utilizada ocorreu na França, em 1798, citado em um dicionário francês. Na época, os Jacobinos usaram esse termo para nomear suas atitudes de uma forma positiva, se referindo a terrorismo como um elogio (LAQUEUR, 2016).

Durante esse período, a sociedade francesa era marcada pelo acontecimento de grandes mudanças, pois estavam vivenciando a Revolução Francesa em grande clima de terror, onde Robespierre liderava os Jacobinos, que usavam formas violentas e cruéis contra seus inimigos e assim ficaram conhecidos como terroristas. (ALMEIDA *et al*, 2017)

Nessa época sombria o termo terrorismo era um conceito utilizado para descrever esse movimento ocorrido na Revolução Francesa, onde foi considerado um sinônimo de “reinado de terror”. Assim, terrorista se tornou um termo que se refere a abuso e implicações criminosas. (LAQUEUR, 2016).

Com o decorrer do tempo, esse termo foi se tornando conhecido por outros povos, como os britânicos. A partir disso, o significado do termo terrorismo/terrorista foi se expandindo e criando novas características. Terrorista passou a ser considerado como um indivíduo que possuía um olhar mais crítico e avançado a respeito de um sistema marcado por intimidações. (LAQUEUR, 2016).

Apesar de possuir características singulares, o termo terrorismo não possui uma definição concreta. A falta desse significado possivelmente pode explicar a ampla variedade de atos considerados terrorismo que surgiram durante os períodos históricos. (LAQUEUR, 2016).

Durante a história pode-se perceber que as guerras em geral utilizam de estratégias consideradas terroristas como uma forma de atingir seus objetivos, utilizando esse método de terror como uma ‘arma’ contra seus inimigos. Segundo Laqueur (2016), o problema maior está situado quando esse terrorismo não é utilizado apenas como uma estratégia e sim como a arma principal.

Levando em consideração esses aspectos, não se pode chegar a uma conclusão exata a respeito de data, local e características ‘fiéis’ para descrever terrorismo. É de comum conhecimento que desde o início dos tempos ocorrem guerras, disputas territoriais, disputas políticas e muitas dessas foram marcadas pelo uso de violência.

Algumas disputas tiveram papel importante na consolidação do termo terrorismo, sendo de importante valor debater sobre esse tema, pois seus resultados foram impactantes na organização territorial e política nas sociedades, inclusive serviram de gatilho ou influência para a ocorrência de algumas guerras ou formação de grupos terroristas.

Podem ser citados os acontecimentos no período da revolução francesa (1789-1799) que foram primordiais para iniciar a expansão do termo terrorismo em outras sociedades. Assim, os Jacobinos influenciaram outras sociedades implantando um reinado baseado em intimidação e coerção. (LAQUEUR, 2016).

Outro movimento de relevância para esse contexto se encontra nas tradições pregadas pela Ku Klux Klan (1817) que foi responsável por disseminar violência contra negros, mulheres, pregando uma supremacia branca. Apesar de atrair milhares de seguidores na época, atualmente existem apenas pequenos grupos de adeptos à essa organização. (LAQUEUR, 2016).

Ao citar eventos que impactaram em uma perspectiva histórica sobre terrorismo, não se pode faltar a referência ao Nazismo, liderado por Hitler (1933-1945) na Alemanha. Suas intenções eram baseadas em uma corrente política e ideológicas contra judeus, comunistas e outros. Suas ações impactaram de tal maneira que foi possível atingir em uma esfera global, criando fatores propícios para o início da 2ª Guerra Mundial. (FAUSTO, 1998).

Na mesma corrente de organizações que fizeram parte do contexto histórico do terrorismo, cabe ressaltar os atos cometidos pelo *IRA (Irish Republican Army - 1960)*; OLP (Organização pela Libertação da Palestina) liderada por Yasser Arafat (1966); Al- Qaeda, organizada por Osama Bin Laden, responsáveis pelo atentado marcante de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos. (LAQUEUR, 2016, RAPOPORT, 2004).

A partir desses exemplos, pode-se inferir que movimentos terroristas ocorrem desde muito tempo e possuem alvos, métodos e objetivos diferentes. Alguns ataques tiveram grandes consequência para a humanidade, incluindo guerras que foram responsáveis por milhares de mortes e outros terríveis acontecimentos. Alguns movimentos citados estão ativos até nos dias de hoje, sendo responsáveis por ataques ocorridos recentemente.

Como citado anteriormente, o início do terrorismo contemporâneo foi decorrente da Revolução Francesa, onde os ataques pretendiam eliminar políticos que se pronunciavam contra os ideais revolucionários. Dessa forma, o intuito era agir de uma maneira punitiva para servir de exemplo de como seria o regime imposto. (RABELO, 2017).

Esses atos de certa forma contribuíram para o acontecimento de diversos outros “ataques” que aconteceram nessa linha histórica, como visto na Rússia e novamente na Europa e América do Norte, com a criação internacional Anarquista, onde quem se declarava contra as autoridades eram executados. (RABELO, 2017)

Essa expansão foi responsável por influenciar o surgimento de outros movimentos, como a Irmandade Republicana Irlandesa (conhecidos como Fenianos). O objetivo desse grupo era protestar contra a liderança britânica que governava a Irlanda (sec. XIX) e para isso utilizaram de explosivos para atacar importantes monumentos ingleses, não se preocupando se esses atos poderiam ferir pessoas inocentes. A partir dessa época, a imprensa foi um importante aliado para disseminar a corrente de medo em favor deles. (RABELO, 2017).

Movimentos nacionalistas tiveram influência nos acontecimentos que perpetuaram durante a I Guerra Mundial. Após esse período, ocorreu o surgimento do terrorismo que era comandado pelo próprio Estado, pelo emprego de um regime totalitário e um líder considerado ditador, fatores que serviram como gatilho para o início da II Guerra Mundial. (RABELO, 2017).

Como consequência da II Guerra Mundial, foram criadas diversas organizações terroristas com ideais nacionalistas, liberacionista e revolucionário, que lutavam contra o comando estrangeiro presente em seus territórios. Assim, estendeu-se até o período da

Guerra Fria, onde duas superpotências se enfrentavam e continuavam a utilizar métodos violentos com o intuito de ‘vencer’ o lado opositor. (RABELO, 2017).

Novamente os acontecimentos no mundo eram marcados pelo uso da violência, emprego de regimes autoritários, desrespeito às leis, incitação ao ódio, opressão aos mais fracos e pobres. Essas características serviram como inspiração para muitos grupos terroristas com o intuito de ‘lutar’ pelos seus ideais mesmo implicando a vida de seres inocentes no processo.

Com o passar do tempo as fontes de terrorismo de certa maneira foram evoluindo, modificando e configurando novas formas. Uma das características desse novo modelo foi a possibilidade de atingir um maior número de vítimas, uso de explosivos e suicidas e o surgimento de um novo tema para motivar as ações terroristas: Religião. (RABELO, 2017).

Portanto, em uma perspectiva mais recente, o terrorismo de vertentes religiosas passaram a adquirir um grande número de adeptos e conseqüentemente um maior número de vítimas. Atrelado a esse acontecimento é importante ressaltar que as novas formas de tecnologia e mídia foram fundamentais para disseminar em maior proporção seus objetivos. Assim conseguiam agir de forma internacionalmente e com planejamentos mais elaborados e complexos, facilitando a organização criminosa. (RABELO, 2017).

Quando o terrorismo é motivado por um imperativo religioso, onde a violência é considerada por seus praticantes como um dever divino, a justificativa e legitimidade dos atos são capazes de provocar uma destruição ainda maior pelos terroristas. “(...) o imperativo religioso para o terrorismo tornou-se a mais importante característica definidora da atividade terrorista hoje em dia. (...)” (HOFFMAN, 2006, p. 84).²

Em uma perspectiva atual, considerando as vertentes do terrorismo moderno, o autor David Rapoport (2004) classificou as esferas presentes no âmbito terrorista em períodos chamados de ‘ondas’, onde cada uma possui características distintas, épocas diferentes, alvos e organizações diferentes e também em cada uma delas citou pontos em comum e etc. São classificadas em 4 ‘ondas’, sendo que cada uma tem seu próprio modo de operar.

² (...) The religious imperative for terrorism has become the most important defining characteristic of terrorist activity today. (HOFFMAN, 2006, p. 84)

O conceito de onda pode aparentar ser de pequena duração, porém, geralmente suas características perpetuam por uma geração. A onda contém energia suficiente para criar uma geração de sucessor ou novos grupos. Quando essa energia não consegue inspirar novas organizações, a onda desaparece. (RAPOPORT, 2004).

Uma onda é considerada um ciclo de atividades em um determinado período de tempo, com caráter internacional, podendo ocorrer em diversos países possuindo um ‘denominador’ em comum capaz de uni-los. Geralmente, cada onda especifica seus elementos nacionais, como anarquismo, nacionalismo, anticoloniais, entre outros. (RAPOPORT, 2004).

Foi chamada de primeira onda o período de 1870 até o fim da primeira guerra mundial (1919). Foi marcada pelos acontecimentos anarquistas com origem na Rússia e expansão em locais como Ásia, Europa e América. Os acontecimentos que ocorreram nessa fase foram marcados por assassinatos de figuras importantes; influências culturais (e tradições religiosas); expansão no ramo de transporte e comunicação, que possibilitou a expansão de informações e a espalhar a mensagem. (RAPOPORT, 2004).

A sociedade enxergava o terrorismo como uma forma de reivindicar as insatisfações e destruir convicções que não concordavam. A revolução industrial foi um cenário propício para aumentar as insatisfações da época. Utilizavam a prática de terrorismo para chamar atenção do público. Uma particularidade desse período foi o fato de preservar a vida de pessoas inocentes que não estavam envolvidas nos casos. (RAPOPORT, 2004).

Um ponto marcante desse período ficou conhecido como “Era Dourada de Assassinatos” (1890). Pessoas que ocupavam cargos importantes como monarcas, primeiro ministro, presidentes eram assassinados por assassinos internacionais – seres que cruzavam as fronteiras com facilidade. A reação encontrada para combatê-los foi intensificar policiamento nas fronteiras, porém, os esforços não foram suficientes, visto que as nações envolvidas estavam mais preocupadas com seus problemas internos do que aqueles de âmbito internacionais. (RAPOPORT, 2004).

A segunda onde foi considerada a onda mais bem sucedida. Data-se seu início no ano de 1922 até 1960. O período chamado de anti-colonial. O surgimento da segunda onda é marcado pelas consequências do fim da II Guerra Mundial. Os estados vencedores aplicaram o princípio da autodeterminação nacional para separar os impérios dos estados derrotados. Assim, por não conseguirem independência, grupos nacionalistas se juntaram com o intuito de utilizar ações de terror a fim de obter êxito na tentativa de emancipação. (RAPOPORT, 2004)

Desse modo, a legitimidade da ação estava na ideia de lutar pela liberdade. A partir dessa causa política, os combatentes pretendiam conseguir apoio da comunidade internacional. Nesse período os ataques eram direcionados apenas aos elementos que constituíam os governos colonizadores, apenas após um tempo os ataques passaram a ser mais violentos atingindo um número maior de pessoas, inclusive inocentes. (RAPOPORT, 2004).

Alguns grupos se destacaram nessa fase, como IRA (Exército Republicano Irlandês), ETA (Liberdade para Terra Basca – Espanha) e OLP (Organização para Libertação da Palestina).

Nesse período, o termo terrorismo estava associado a algo negativo, ruim. Como as organizações terroristas tinham o interesse em ganhar a simpatia pela sua luta, queriam desvincular terrorismo de suas ações. Portanto, nessa onda, terroristas precisavam de uma nova linguagem para descrever seus atos. Assim, se caracterizavam como “lutadores de liberdade” (freedom fighters). Até grupos subsequentes perceberam que vincular suas atividades com a luta anticolonial ao invés de serem considerados grupos de terrorismo parecia ser mais vantajoso para ganhar apoio e legitimar suas causas. (RAPOPORT, 2004)

Na primeira onda a forma de terror utilizada era por meio de assassinatos. Na segunda onda esse método foi diferente pelo fato de possuírem uma quantidade maior de alvos. Primeiro se empenharam em eliminar a polícia (incluindo suas famílias e outros oficiais) e agiam de forma mais rápida, onde atacavam e fugiam. (RAPOPORT, 2004).

A terceira onda tem como característica o excesso de atividades no âmbito internacional. Também é chamada de “Terrorismo de esquerda” onde o radicalismo e nacionalismo estão presentes. O período dessa onda é marcado pelos acontecimentos de 1960 a 1979, considerada a onda da “Guerra fria” e seu surgimento foi decorrente de acontecimentos da Guerra do Vietnã. (RAPOPORT, 2004).

Nessa onda, predominantemente os alvos eram militares. Uma característica marcante dessa época foram as numerosas ocorrências de sequestros. Dessa forma, descobriram uma maneira de lucrar pedindo dinheiro como forma de resgate dos reféns e assim conseguiam financiar as atividades do grupo terrorista. (RAPOPORT, 2004).

As principais organizações terroristas que se destacaram no período da terceira onda foram: Facção do Exército Vermelho (*Red Army Faction*) na Alemanha Ocidental; Brigada Vermelha (*Red Brigades*) na Itália; Exército Vermelho (*Red Army*) no Japão e Ação Direta (*Action Directe*) na França. (RABELO, 2017).

Como destacado anteriormente, na terceira onda os feitos de grupos terroristas partiam de ações internacionais, a maioria das ações ocorriam fora do país de origem dos terroristas. Assim, eles tinham como objetivo receber maior visibilidade para os seus atos, impondo um sentimento de medo onde favorecia as negociações advindas dos sequestros praticados.

Para concluir esse objetivo, a partir dos sequestros os terroristas pediam resgate em troca de receber alguma vantagem, como liberdade de terroristas que estavam presos, influenciar em decisões de políticos e por esse motivo os alvos escolhidos eram na maioria pessoas que estavam em algum cargo de poder, como militares e políticos. Além desses, os ataques eram responsáveis pela morte de diversos inocentes. (RABELO, 2017 & RAPOPORT, 2004).

Diferentemente de outras ondas, o motivo dos assassinatos era servir como uma maneira punitiva decorrente das reações que os governantes tinham a respeito dos terroristas. Por exemplo “(...) As autoridades jordanianas foram alvos porque negaram a permanência da OLP em seu país, enquanto o assassinato de Aldo Moro deu-se porque o governo se recusou a entrar em negociações para a liberação de reféns” (RABELO, 2017, P. 16).

Após esse período, uma nova forma de terrorismo moderno estava ganhando mais força. A onda religiosa ocupou um importante papel na quarta onda de terrorismo. Ao tratar de pontos que envolvam religião e questões étnicas, pode-se inferir que estão relacionadas em um âmbito internacional, ou seja, atingem em um aspecto global. (RAPOPORT, 2004)

Portanto, na quarta onda de terrorismo, o Islã é considerado a religião de maior relevância, tendo em vista o grande número de ataques e vítimas que os terroristas adeptos ao Islamismo fizeram ao longo dos anos e suas atividades influenciaram outros grupos religiosos a se manifestarem utilizando métodos considerado terroristas. (RABELO, 2017 e RAPOPORT, 2004).

Cabe ressaltar que, apesar de menores danos, outras religiões como Budismo, Hinduísmo, Judaísmo e Cristianismo também foram responsáveis por ataques motivados por religião. (RAPOPORT, 2004). Geralmente as justificativas apresentadas baseada em contextos religiosos são devido a interpretações radicais dos ensinamentos e livros sagrados, como Bíblia e Alcorão, sendo feita uma distorção do que de fato é pregado.

No ano de 1979 ocorreu no Irã a Revolução Islâmica, fato que propiciou o surgimento da quarta onda. O Oriente Médio é um cenário marcado por diversas disputas, como territoriais e religiosas. Esses fatores abriram possibilidade para atrair os fiéis adeptos à religião a lutar em nome dessa causa. (RAPOPORT, 2004).

Em nome da religião e sua “luta”, terroristas no período da quarta onda inovaram com uma nova tática ao realizar seus ataques. Ficou conhecido como “*Suicide bombing*”³. Assim, os ataques com bombas possuíam um poder maior de destruição e ao se suicidar, o terrorista acreditava que seria recompensado no paraíso. E a partir das conquistas adquiridas por essas inovações, outros grupos com ideologias religiosas passaram a utilizar as mesmas formas de atuação. (RAPOPORT, 2004).

No território do Oriente Médio ocorrerem muitas disputas, motivados principalmente por motivos religiosos e políticos. Dentre essas batalhas internas, o apoio dos Estados Unidos ao antigo regime iraniano (“*Shá*”)⁴ e sua conexão/interesse em alguns países, fizeram os EUA um grande alvo, se tornando um dos maiores inimigos do povo dessa região, principalmente os Shiitas. (RABELO, 2017).

Tendo em vista esses fatores, cabe ressaltar o importante papel da *Al-Qaeda* e sua determinação em atingir os Estados Unidos, com o objetivo de expulsar as tropas americanas dos países Muçulmanos. Dessa forma esse grupo realizou diversos ataques para atingir os EUA e também obteve “sucesso” ao atacar em solo americano, sendo autor do principal atentado terrorista em Nova York (11 de setembro de 2001 – *World Trade Center*). Seu líder era Osama Bin Laden, conhecido pelo pensamento extremista religioso que atraiu diversos seguidores. (RABELO, 2017).

A *Al-Qaeda* também foi a responsável por diversos outros ataques, tanto nos EUA como em países considerados aliados aos norte-americanos. Esses atentados foram possíveis graças ao grande número de jovens recrutados que foram influenciados principalmente pelo poder de informação divulgada por novas tecnologias (TI). Assim por meio da internet o grupo conseguiu divulgar suas informações atraindo simpatizantes a se juntarem á suas causas, mesmo estando em diferentes lugares no mundo. (RABELO, 2017).

Outro grupo que se destaca nesse território e também possui vertentes religiosas é o Estado Islâmico (conhecido como *ISIS*). Por meio do uso da tecnologia pretendem

³ RAPOPORT, 2004. P. 62-63

⁴ RABELO, 2017, p. 20

converter o maior número de pessoas ao Islamismo e a se juntarem ao ISIS, mesmo os que não estão no Oriente Médio. As ideias extremistas pregavam que os muçulmanos deviam combater os inimigos não importa onde estivessem. (RABELO, 2017).

Assim, fica evidente que o interesse das organizações terroristas em utilizar meios tecnológicos era expandir suas ideologias com o objetivo de ganharem mais adeptos, principalmente em uma escala internacional. Além dessa inovação, os grupos terroristas passaram a filmar e divulgar execuções e atentados suicidas para ter uma audiência ainda maior e de certa forma mostrar o perigo que representavam. (RABELO, 2017).

Em consequência desses fatores, pode-se dizer que uma característica da quarta onda envolve um ataque tanto a alvos militares como civis e principalmente contra os Estados Unidos e seus aliados, inclusive Israel. No começo deste século, os ataques passaram a atingir um maior número possível de vítimas e utilizavam grandes explosões, modo que buscava abordar o maior número de pessoas.

Cabe ressaltar outra importante característica da quarta onda citado por Rabelo (2017):

Foi na quarta onda que se reconheceu a ameaça da convergência entre o terrorismo e diversas atividades criminosas, o que cria um círculo vicioso de alimentação simbiótica dessas atividades em função do montante de recursos investidos e de fortalecimento das organizações criminosas, em consequência do lucro obtido e da incorporação de novas táticas e procedimentos utilizados por organizações terroristas. Organizações criminosas fortalecidas, por sua vez, são capazes de gerarem mais dividendos às organizações terroristas, que também incrementam suas capacidades de atuação. (RABELO, 2017, p. 25).

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se que terrorismo internacional é relativamente um fenômeno recente e cada vez com um maior poder de atuação, levando a um aumento no número de atentados e vítimas. Uma outra característica do terrorismo moderno é sobre a evolução do pensamento a respeito do terrorismo. Pois na época de seu surgimento, terrorismo não possuía uma conotação negativa e com suas ações pretendiam ganhar o apoio da sociedade, além de simpatizantes. Atualmente esse cenário é diferente, visto que, apesar de possuírem muitos recrutados, a sociedade enxerga o terrorismo como algo negativo, cruel e sentem a necessidade de combatê-los. (RABELO, 2017).

Em decorrência da grande exposição que os grupos terrorista apresentam, como ataques a alvos internacionais, exposição utilizando meios tecnológicos, mídias, filmagens, divulgações e outros meios, se tornam um alvo a serem combatidos. Ao “divulgar”

sua existência, proporcionam que entidades lutem contra eles, ocasionando o fim de diversos grupos. Por esse fato, as ondas no geral possuem um período curto de funcionamento, salvo algumas exceções. (RABELO, 201

Levando-se em consideração esses aspectos, pode-se afirmar que terrorismo é um tema que afeta milhares de pessoas e países. Por ser um fenômeno internacional, sua capacidade de se espalhar ao redor do mundo é grande e, aliados a tecnologia existente, conseguem atingir um maior número de pessoas. Portanto cabe a órgãos responsáveis lutarem para diminuir ou erradicar as forças dessas organizações terroristas. (RABELO, 2017).

Diante da dinâmica da evolução terrorista, verifica-se a necessidade de se conduzir o enfrentamento a tais organizações a partir de abordagem integral e multidisciplinar, reunindo todos os órgãos e as agências nacionais, governamentais e privadas, necessários. (RABELO, 2017, p. 28)

Rabelo (2017) cita algumas medidas cabíveis que podem atuar no combate a essas organizações.

Isto significa que a força militar ou policial, não só são insuficientes, como também são incapazes de gerar os resultados esperados, sendo necessário agregar capacidades afetas aos campos de inteligência (das fontes cibernética, humana, de imagens e de sinais), além de equipes especializadas na área financeira, em direito internacional, em aspectos culturais, bem como integrantes de empresas privadas que gerenciem serviços ou locais julgados de interesse, como também de equipes especializadas em perícias forenses. (RABELO, 2017, p. 28).

Neste caso, ressalta-se como o terrorismo possui um amplo impacto, capaz de atingir e prejudicar em várias esferas da sociedade, sendo necessário a implementação de diversos meios focados no combate desse mal atual em nossa sociedade.

2 GUERRILHAS E VIOLÊNCIA POLÍTICA NA AMÉRICA LATINA

Ao longo da história da humanidade é possível encontrar diversas ocasiões em que a população se mostrou insatisfeita com alguma decisão política ou regime imposto e até mesmo contra seus próprios governantes. Em épocas remotas e em lugares diversos é possível verificar a existência de manifestações populares podendo variar em diversos aspectos, como por exemplo, o uso de violência ou não, motivações ideológicas ou religiosas, entre outros.

Uma dessas formas de manifestação é o tão temido terrorismo, meio utilizado para mostrar insatisfação ou lutar contra o sistema imposto é por meio de atos violentos e propagação do terror, a fim de atingir alvos e incitar o sentimento de medo a parte da população.

Esse método é bastante utilizado em países na África, Europa, Ásia e América do Norte. Entretanto, na América Latina⁵, uma forma de reivindicação chama mais atenção e apresenta um perigo mais próximo, são as chamadas Guerrilhas (pequenas guerras), que são conhecidas como luta armada de esquerda.

Assim exposto, cabe pontuar que o surgimento das Guerrilhas data ainda no século XIX, em Cuba. O país se encontrava na época do colonialismo e impelidos pelo desejo de independência, um grupo se reuniu com o objetivo de conseguir vitória perante os espanhóis. Essa luta durou um período de dez anos (1868), porém, não obtiveram sucesso. (SILVA e LOPES, 2014).

Apenas no ano de 1959 a chamada revolução cubana de fato aconteceu. Foi comandada pelos líderes guerrilheiros Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. O ato desses homens serviu como inspiração para atrair ou estimular o surgimento de guerrilheiros em outros países, grande maioria na América Latina, como Colômbia, Cuba, Brasil, Venezuela, Argentina, entre outros. (SILVA e LOPES, 2014).

A partir do histórico apresentado, cabe descrever as principais características que alguns autores consideram que caracteriza um guerrilheiro. Fundamentalmente são considerados protestantes das causas sociais e políticas. Suas lutas são concentradas em ser contra as desigualdades, injustiças e corrupção. (BERARDO, 1981).

Não muito raro, os pensamentos dos guerrilheiros podem ser considerados utópicos⁶, pois propõem uma reconstrução da sociedade. Acreditam que após tentativas frustradas de mudanças sociais, seus atos de rebelião são justificados com a finalidade de resistir à violência dos regimes estabelecidos. (BERARDO, 1981).

Estudiosos consideram que os guerrilheiros da América Latina são classificados como a “Nova Esquerda”, e se encaixam em um movimento que visa lutar contra o imperialismo e formas de fascismo. Uma outra característica a se destacar é o fato de apenas

⁵ Cabe ressaltar que guerrilhas existem em todos os continentes, espalhadas por todo o mundo, todavia, o foco do presente trabalho concentra-se na América Latina. (BERARDO, 1981, p. 55)

⁶ BERARDO, João Batista. *Guerrilhas e Guerrilheiros no drama da América Latina*. 1. ed. São Paulo: Edições populares. 1981, p. 53.

jovens participam das guerrilhas, pois esses são conhecidos como sonhadores e idealistas, pontos que fortalecem a luta contra um sistema opressor. (BERARDO, 1981).

Cabe ainda ressaltar que pertencentes a guerrilhas não são filiados a partidos políticos e nem participam de eleição. Para eles, esses dois itens significam ideias ultrapassadas e não visam de fato realizar mudanças, apenas pequenos arranjos, algo que consideram ineficiente diante as muitas desigualdades e injustiças sociais. (BERARDO, 1981).

Atrelados a essas particularidades, os grupos de guerrilheiros precisam de um líder carismático que seja capaz de adquirir disciplina e lealdade de seus seguidores. Se forem bem coordenados e conseguirem apoio de uma maioria da população, suas ações possuem grandes chances de atingirem seus objetivos. (BERARDO, 1981).

Ao se tratar sobre o tema guerrilhas, existe um nome bastante famoso que vem à mente quando esse assunto é abordado: Che Guevara, que é um dos guerrilheiros mais influentes do século XX. Sobretudo sua vontade de lutar contra o sistema capitalista e desejo de implantar um regime socialista, principalmente em países da América Latina. Considerado um grande líder pelos guerrilheiros, Guevara escreveu “*A Guerra de Guerrilhas*” (1960) no qual descreveu a mecânica dos movimentos guerrilheiros e suas características. (BERARDO, 1981).

De acordo com alguns trechos do mencionado livro, convém elucidar a forma como o autor descreve o guerrilheiro:

(...) um homem que faz sua ânsia de liberdade do povo e, esgotados os meios pacíficos para consegui-la, inicia a luta, se converte na vanguarda armada da população combatente. Ao começar a luta, o faz já com intenção de destruir uma ordem injusta, e portanto, mais ou menos veladamente com a intenção de colocar algo novo no lugar do velho. (BERARDO, 1981, p. 67).

Assim, fica evidente a forma como Che Guevara era a favor de lutar contra um sistema marcado pelas injustiças sociais. Desse modo, ele se tornou um mentor intelectual ao se tratar de guerrilhas. Seu feito mais conhecido foi a conquista da revolução cubana, na qual foi considerada o início de uma onda revolucionária que aconteceria por todo território latino-americano. (PRADO, 2013).

Dentro do mesmo aspecto, outro nome de extrema relevância ao se falar em guerrilhas é Camilo Torres, um padre colombiano que foi considerado um grande revolucionário guerrilheiro militante das guerrilhas da América Latina. Possuía um vasto currículo nas áreas de direito, sociologia e teologia. Sua principal preocupação era a situação a

que os camponeses eram submetidos. Sua intenção era principalmente despertar a consciência política do povo explorado da Colômbia, pois uma grande maioria não exercia o direito de votar. Além disso, o país vivenciava outras crises em setores como saúde, educação e política. (BERARDO, 1981).

Portanto, fica explícito com o exemplo de dois aclamados líderes guerrilheiros que seus principais objetivos consistiam em lutar em nome dos menos favorecidos e contra um sistema considerado opressor que privilegiava os pertencentes à classe média e alta. Diante deste cenário é importante ressaltar que apenas os guerrilheiros não seriam capazes de realizar mudanças ou concretizar revoluções, eles necessitavam do apoio das massas. (BERARDO, 1981; PRADO, 2013).

Por esse motivo, Guevara e Camilo destacam que é necessário a cooperação da população. Sua atuação seria por meio de ajudar os guerrilheiros em suas lutas armadas, principalmente os camponeses. Agiriam em atividades de auxílio, guardar segredos, em tarefas de contato, transporte de mercadorias e armas, atuando como guias em locais desconhecidos e até mesmo apoio quando fosse necessário entrar em greve. (BERARDO, 1981).

De acordo com Che Guevara: “É importante destacar que a luta guerrilheira é uma luta de massas, e uma luta popular; a guerrilha como núcleo armado, é a vanguarda combatente do mesmo, sua grande força reside na massa da população” (GUEVARA, 1982, p.15, *apud* PRADO, 2013, p. 3). Perante esses fatores, cabe afirmar que os guerrilheiros só conseguiriam obter sucesso se fossem capazes de unir sua luta com o fator social dos trabalhadores rurais. (PRADO, 2013).

O maior objetivo dos camponeses era ser dono da própria terra. Entretanto, seu trabalho estava nas mãos de grandes latifundiários, que eram os donos das terras e ficavam com o lucro em cima do trabalho dos camponeses. Esse fator é a base econômica da luta guerrilheira. Desse modo, a reforma agrária se torna um importante aliado na luta dos guerrilheiros, pois assim seria possível mobilizar as massas oprimidas e exaltar a relevância de prosseguir a luta armada. (PRADO, 2013).

Tendo em vista essas características e influenciadores, é válido destacar que o surgimento de novas guerrilhas foi verificado em vários países da América Latina, principalmente no século XX. Atualmente algumas guerrilhas dessa época ainda estão ativas, outras não existem mais, e o surgimento de novas guerrilhas no decorrer dos anos vem aumentando consideravelmente.

Por essa razão, no presente capítulo será abordado brevemente o surgimento e atuação de guerrilhas que ocorreram em importantes países Latino Americanos, pois durante as décadas de 1960 e 1970 a América do Sul vivenciou uma grande ocorrência de Ditaduras Militares que eram influenciados pelas revoluções ocorridas em Cuba, Vietnã e China. (WOLFF, 2007).

Os países que serão abordados no presente trabalho serão: Venezuela, Argentina, Colômbia, Cuba e Brasil. Esse países foram selecionados por possuírem os grupos guerrilheiros mais importantes e de maior relevância no cenário de luta armada latino-americano. Cuba foi selecionado por ser o principal influenciador nas demais correntes da Revolução e o Brasil por ser o foco do trabalho.

2.1 A CONQUISTA DO MOVIMENTO GUERRILHEIRO NA VENEZUELA

Entre os anos 1957 a 1959 o país era comandado pelo ditador Marcos Perez Jimenez. A situação econômica social estava gerando um grande descontentamento da massa popular. Convivia em condições precárias, salários baixos e desemprego, fatores que motivaram a revolta da população. Após declararem uma greve geral, Jimenez fugiu do país e assim uma junta militar patriótica assumiu o poder. (BERARDO, 1981).

Em 1962 surgiu um movimento chamado *MIR* (Movimento de Esquerda Democrática) que após influência de Fidel Castro em Cuba, tinha a intenção de despertar o sentimento reformista de esquerda na capital. Então o presidente (Betencourt) usou de violência para acabar com o *MIR*. Decretou o fechamento do jornal comunista Tribuna Popular, prendeu deputados e enviou tropas para zona de petróleo. (BERARDO, 1981).

Essas foram as principais razões que motivaram os movimentos de guerrilhas. Alguns desses grupos começaram a lutar contra as forças do governo. O *MIR* era considerado um movimento nacionalista que estava aliado aos comunistas. Eles entenderam que apenas pela violência a Venezuela poderia romper o poder que os Estados Unidos exercia no país. Por esse motivo, o *MIR* se tornou um grupo de pensamento extremo. Na capital (Caracas) as guerrilhas urbanas eram constituídas principalmente por estudantes como aliados tinham o Exército Nacional de Libertação, *MIR*, e grupos unidos à Unidade Revolucionária Democrática (URD). Os grupos de guerrilheiros também se incorporaram às Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN). (BERARDO, 1981).

O objetivo dos guerrilheiros e os grupos aliados era de incitar um manifesto para atingir o governo de Betencourt, classificando como antidemocrático, opressivo e responsável pela grande crise social e econômica que existia na Venezuela. Desse modo pretendiam derrubá-lo com a revolução e dar lugar a um governo nacionalista e democrático. Outras medidas diziam respeito a criar um Código de Honra para guiar os guerrilheiros. As decisões políticas seriam tomadas pela Frente de Libertação Nacional. Os guerrilheiros receberam treinamento em Cuba, China e URSS. Esse cenário foi composto por atentados contra Betencourt e a edifícios norte-americanos. O país foi marcado por ataques e combates entre polícia/exército contra guerrilheiros. (BERARDO, 1981).

O chefe geral das FALN era Douglas Bravo, que vinha de Cuba com intuito de realizar ações de mudanças no processo eleitoral que iria acontecer. Em 1964 Raul Leoni, que foi eleito, oferece ao Partido Comunista e outros esquerdistas uma anistia geral, com a condição que desistissem da violência e da guerrilha. Após esse fato, houve uma ruptura na FALN, mas não impediu que as atividades guerrilheiras continuassem. O governo reagiu atacando as guerrilhas e prendendo seus participantes. (BERARDO, 1981).

Essa decisão abalou o relacionamento existente entre Bravo e alguns guerrilheiros. Dessa maneira criaram um novo programa chamado IRACARA que pretendia conseguir a anistia para presos políticos, legalização de todos os partidos políticos, programa de industrialização onde os produtos naturais seriam industrializados, terra, crédito e implementos agrícolas, emancipação da política exterior. (BERARDO, 1981).

Após a desistência do Partido Comunista Venezuelano em relação à luta armada contra o governo, Bravo foi expulso pois insistia em continuar com as guerrilhas. Por conta disso, ocorreram lutas violentas nas ruas da capital entre guerrilheiros e policiais. Ficou explícito que as guerrilhas começaram a enfraquecer. Ocorreu uma grande divisão entre os guerrilheiros, pois alguns eram a favor de continuar com as lutas armadas e outros queriam utilizar meios políticos e pacíficos. Nesse período de conflitos alguns líderes guerrilheiros acabaram morrendo em combates por seus opositores. (BERARDO, 1981).

No ano de 1973, após um declínio das forças guerrilheiras, a Venezuela utilizou uma tática especial para cessar as guerrilhas. Sua ação envolvia fugir de combates e concedia indultos, perdão e anistia, com o objetivo de propor aos guerrilheiros que eles participassem da política e das eleições. O presidente Caldera considerou mais prudente oferecer essas medidas do que agir de forma violenta, torturando, prendendo ou matando. Desse

modo no período eleitoral diversos simpatizantes da esquerda e ex-guerrilheiros lançaram candidatura. (BERARDO, 1981).

Entre os anos 1976 e 1977 houve um crescimento de guerrilhas urbanas novamente. Por motivos ideológico elas permaneceram, e apesar da situação econômica ser mais favorável, havia muita divergência em relação a distribuição de riquezas. Por conta desse fator, ocorrem combates sangrentos e violento entre guerrilheiros e as forças armadas venezuelanas. Os guerrilheiros praticaram sequestros, atingiram aldeias e atacaram postos do exército. Apesar do ressurgimento das guerrilhas marcado por um grande uso de violência, nessa época não obtiveram o apoio das massas, pois o país estava em crescimento econômico. (BERARDO, 1981).

Nas eleições seguintes houve ocorrência de vários ex-guerrilheiros se candidatando e alguns até conseguiram se eleger. Também houve um número grande de votos os partidos de esquerda. Muitos agentes do governo mantinham a convicção de lutar contra as guerrilhas, declarando que se eleito, decretaram prisão a todos os guerrilheiros. (BERARDO, 1981).

Em meio a essas disputas políticas, os membros do governo pretendiam a pacificação na Venezuela. Como dito anteriormente, no ano de 1979 o país estava em grande ascensão econômica, considerado o país com a maior renda per capita da América Latina. Assim os ex-guerrilheiros se tornaram ativos políticos e nunca deixaram para trás o sentimento de revolução. (BERARDO, 1981).

Contudo, se faz necessário pontuar que atualmente a Venezuela vivencia uma profunda crise econômica que levou diversos moradores a deixar o país. Os dois últimos presidentes (Hugo Chávez e Nicolás Maduro) levaram o país a um colapso econômico proveniente de uma falta de gestão apropriada, somado principalmente à crise do petróleo, corrupção, crise de importação, ocasionando falta de abastecimento de itens essenciais à população, falta de investimento em infraestrutura, entre outras inúmeras questões que levaram a situação econômica e social em que o país se encontra nos dias atuais. (CORAZZA e MESQUITA, 2018).

2.2 GUERRILHAS CONTRA E A FAVOR DO REGIME MILITAR NA ARGENTINA

A Argentina também estava vivenciando um período em que os militares se encontravam no poder. Embora caiba pontuar que o golpe militar ocorreu de formas diferentes em cada país e cada um possuía sua singularidade, este é um ponto em comum que pode-se observar dentro da história da luta armada na América Latina.

O governo argentino teve o poder militar instaurado em seu país durante 25 anos. Vivenciaram diversas opressões, inclusive censura de imprensa. Atrelado à esses acontecimentos, cabe ressaltar a queda de Juan Perón em 1955 que foi crucial no engajamento de uma revolução com viés ideológico. (SILVA, 2017).

No ano de 1963 uma parte da democracia havia voltado com a eleição de Arturo Umberto Illia que era médico e foi legalmente eleito. Porém, no ano de 1966 os militares instalaram um novo golpe, ocupando o poder do país. E desde esse período, vários outros militares marcaram um período de bastante instabilidade no governo argentino, principalmente por possuir um discurso autoritário e agindo de forma repressiva contra os opositores do regime. (SILVA, 2017).

Nessa época, houve um importante aumento no caso de pessoas sendo torturadas, roubadas e presas pela ditadura. Assim como visto em outros países onde a ditadura militar comandava, os meios de comunicação escondiam os casos de tortura e até mesmo situações em que as vítimas desapareciam, com falsas notícias à população. (SILVA, 2017).

Do mesmo modo que a imprensa de certa forma colaborava com os militares, o posicionamento da Igreja Católica foi duramente criticado por não se manifestar e ocultar o conhecimento sobre as violações dos direitos humanos praticados durante o regime militar. Segundo um ex-guerrilheiro argentino, a igreja detinha conhecimento sobre a existência de “campo de concentração” que praticava extermínio de jovens e adultos na Argentina. (SILVA, 2017).

Uma ponto importante a se observar a respeito das guerrilhas argentinas é o contexto social e político que os grupos pertencentes a luta armada estavam inseridos. Esses grupos eram classificados em setores da esquerda e setores da direita. O objetivo de ambos era impor sua visão de mundo e conseguir o poder político e apoio da sociedade. (SILVA, 2017).

Os grupos de esquerda eram compostos por combatentes peronistas (conhecido como movimento justicialista)⁷, movimentos guerrilheiros, movimentos nacionalistas, trotskistas, em geral grupos resistentes à ditadura militar, que atuavam reivindicando seu passado de luta contra a ditadura. Eram acusados de atentar contra a ordem estabelecida pelo Estado. (SILVA, 2017).

Durante esse época dois grupos de guerrilheiros alcançaram maior destaque no país. Primeiramente os Montoneros, que eram considerados o braço armado da juventude Peronista. Essa organização atuava principalmente praticando assaltos, sequestro e execuções de torturadores. Possuíam apoio de Perón e foram influenciados pela Igreja Católica. Atuaram na década de 1970-1979 nas guerrilhas urbanas. (WOLFF, 2007).

Outra guerrilha urbana em destaque foi ERP (*Ejército Revolucionario del Pueblo*) que atuava como uma extensão armada do PRT (*Partido Revolucionario de los Trabajadores*). O PRT era considerado um partido com vertentes Trotskista e leninismo. Foram influenciados pela experiência de Che Guevara em Cuba (revolução). Agia de uma forma militarizada e hierarquizada. Suas propostas eram a internacionalização da luta revolucionária e estabelecer relações com grupos armados de outros países da América Latina. (WOLFF, 2007).

Os grupos considerados de direita eram constituídos por membros do Partido Militar e pelas Forças Armadas. O Partido Militar incorporava o exército, Força Aérea, forças policiais e alguns partidos liberais como a Democracia Cristã e o Partido Federal⁸ que controlavam a administração pública argentina. (SILVA, 2017).

Os grupos de esquerda lutavam pelo fim da dependência capitalista. Para atingir seus objetivos, buscavam aliança com grupos que se consideravam inimigos do Partido Militar e pelo imperialismo mundial capitalista, que era primordialmente representado pelos Estados Unidos. Dessa forma, encontraram apoio em países comunistas como a China, União Soviética e Cuba. O propósito da esquerda era de lutar e derrotar a “burguesia dependente da Argentina”⁹. (SILVA, 2017).

Com este cenário, a direita militar enxerga o comunismo como seu principal inimigo e ao contrário dos grupos de esquerda, consideravam os Estados Unidos como um

⁷ SILVA, 2017.

⁸ Partido político criado pelo capitão Francisco Manrique. (SILVA, 2017).

⁹ SILVA, 2017, P. 98

grande aliado e contavam com seu apoio militar e econômico. Por esse motivo, relata-se ainda a contribuição do Pentágono em diversos golpes militares que ocorreram na América Latina. (SILVA, 2017).

Tendo esses fatores em vista, o território argentino estava cercado por disputas internas tanto pela parte da direita como da esquerda. Para a direita a guerra era contra as ideias comunistas e a esquerda era contra o imperialismo norte-americano. Em ambos os lados foi praticado uma forma de violência política capaz de atingir opositores dos dois lados. A forma de atuação praticada pelo Estado foi com a atuação ilegal de militares que praticavam sequestros e no desaparecimentos daqueles que eram contra a ditadura militar argentina. Esse fator contribuiu diretamente na política de defesa dos direitos humanos, pois foram praticados diversas violações. (SILVA, 2017).

Diante do exposto, a Argentina enfrentou um período bastante conturbado marcado pelo uso da violência de ambas partes. A sociedade se tornou vítima de uma “guerra suja” formada pelo Estado e pelas lutas armadas de esquerda. Durante esses acontecimentos, houve um aumento na repressão que os opositores enfrentaram e uma forte combate à luta armada de esquerda. (SILVA, 2017).

No período de 1970 houve diversos desaparecimentos ligados a pessoas que se declaravam contra o regime político argentino. Assim, houve um número maior de repressão também ligados aos crimes praticados pelas forças de segurança. A população se mobilizou com intuito de identificar e responsabilizar os agentes do governo que cometeram os atos criminosos. (SILVA, 2017).

Por esses fatores, a esquerda utiliza em favor de sua defesa o argumento da luta das guerrilhas ser uma forma de reivindicar o “terrorismo” que era praticado pelo Estado (regime militar). Era uma forma de não acatar o que era mandado sem questionar ou discordar. O uso de violência seria o método encontrado para atingir seus objetivos em nome dos menos favorecidos e oprimidos. (SILVA, 2017).

Tendo em vista esse cenário, a Argentina se encontrava cercada por grupos considerados violentos, tanto de um lado como de outro. Considerando que ambas as causas são válidas e possuem viés ideológicos importantes para o país, historiadores condenam as atitudes por parte do regime militar e das guerrilhas. Os dois lados tiveram participação em diversas mortes e crimes, não sendo isentos de culpa. (SILVA, 2017).

2.3 FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS DA COLÔMBIA

A Colômbia é conhecida como um país que enfrenta longos conflitos entre as forças do Estado e as forças militares. Por mais de 50 anos o Exército e polícia nacional estão combatendo os grupos conhecidos como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do povo (FARC-EP), o Exército de Liberação Nacional (ELN), o Exército popular de liberação (EPL) e o movimento guerrilheiro M-18, que ocupam o território colombiano tanto no meio urbano como rural, desenvolvendo atividades armadas com o intuito de travar uma batalha motivada pelo narcotráfico, ocasionando assim grandes ondas de violência no país. (VEGA, 2016).

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) foi oficializada em 1966 originária do Partido Comunista Colombiano. Seu lema era “combinação de todas as formas de lutas” permitindo a utilização de ações políticas legais e à luta armada. Alguns antecedentes ao surgimento das FARC são de extrema importância ao contextualizar o cenário político e social na Colômbia. (PÉCAUT, 2010).

Um marco importante foi o acontecimento da Guerra Civil em 1946, ocasionando um número alto de mortes. Consequentemente, surgiram diversos grupos armados comunistas conhecidos por guerrilhas, que tinham o objetivo de combater o regime vigente e atuavam na luta por terra. Sendo assim, as FARC tinham o intuito de marcar presença perante os ideais pregados e a respeito do uso de armas pelos grupos comunistas. (PÉCAUT, 2010).

Segundo Guevara (2010), cabe ressaltar a condição do Estado colombiano no momento que iniciou a formação das FARC

É importante pontuar que o Estado colombiano, naquele contexto, passava por uma série de problemas estruturais de ordem econômica e política que refletiam de maneira geral em toda sua sociedade e, de maneira específica, em seus setores mais carentes e fragilizados tais como a população camponesa. Nesse sentido, pelo fato dos contingentes mais debilitados do Estado não receberem uma assistência social que condiziam com suas expectativas, percebe-se que se começava a arquitetar a formulação de um organismo, que visava responder e suprir as necessidades eminentes presentes na sociedade colombiana, criando-se portanto o campo propício para o surgimento das FARC.¹⁰

Durante 15 anos a Colômbia enfrentou diversos acontecimentos que contribuíram na formação das guerrilhas. Esse período conturbado ficou conhecido pelos

¹⁰ GUEVARA, 2010, P. 225.

colombianos como *La Violencia* que foi marcado por um alto número de mortes, divergências do governo, brigas por terras e especificamente o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán (1948) considerado um grande líder do Partido Liberal, que havia conquistado apoio de muitos grupos de camponeses. A partir desse acontecimento, iniciou-se um fenômeno de violência no país, visto que a perda de um líder foi motivo de uma grande revolta para os colombianos. (PÉCAUT, 2010).

Diante desse cenário havia uma Colômbia dividida entre dois partidos políticos, regime imposto conservador, conflitos entre a população, ataques, tudo somado favoreceu o surgimento de grupos armados. A maioria das guerrilhas atuavam em nome do Partido Liberal. O grande número de grupos armados servia como amostra de descontentamento contra o regime imposto. (PÉCAUT, 2010).

Assim exposto, as FARC surgiram a partir do pensamento revolucionário que predominava no país. Dois nomes se destacam no começo da organização dessa guerrilha, Manuel Marulanda Vélez e Jacobo Arenas. Esse início da organização foi difícil e conturbada. Sofreram perdas que destruíram grande parte de seus integrantes, atuavam mais em periferias, deixando os centros urbanos e cidades mais populosas para outros grupos. Pode-se dizer que a atuação dos guerrilheiros era em menor escala e mais sutil, pois não indicava um grande impacto na política nacional. (PÉCAUT, 2010).

Em face dos dados apresentados, cabe pontuar que o surgimento das FARC foi embasado pelos constantes ataques do governo colombiano contra grupos e cooperativas de agricultores que lutavam a favor de melhorias na qualidade de vida com influência de ideais socialistas. Os ataques ocorriam com o intuito de impedir a organização de movimentos comunistas e revolucionários que poderiam colocar em risco a estrutura do Estado colombiano. (GUEVARA, 2010).

A partir do ano de 1980 as FARC apresentam um aumento de suas frentes e conseguiram ampliar os territórios de atuação abrangendo outros lugares estratégicos. Em vista da eleição de um novo Presidente, Belisario Betancur, o mesmo propôs acordo de trégua com as guerrilhas, um processo de paz. Em favor dessa causa, concedeu anistia a vários prisioneiros, inclusive a maioria de grupos armados. As FARC aderiram ao pedido de cessar fogo, fato esse que propiciou outras guerrilhas (como M19 e EPL) a tomarem a frente das lutas armadas voltando com seus atos de hostilidade. (PÉCAUT, 2010).

Em meados de 1985 o país enfrentava uma batalha contra outro perigo além dos grupos armados, o narcotráfico. Os cartéis da Colômbia têm um impacto muito grande na produção e distribuição de drogas ao redor do mundo. Seu maior responsável foi Pablo Escobar, conhecido como a figura mais notável se tratando de tráfico de drogas. As atitudes dele foram consideradas ações terrorista, visto que agia com muita violência, assassinou figuras políticas importantes, inocentes se tornaram alvos e realizou sequestros. Diante dos fatos expostos, cabe elucidar que as ações de Pablo Escobar abalaram as estruturas políticas (e sociais) de uma maneira que as guerrilhas não conseguiram fazer. (PÉCAUT, 2010).

Os atos terroristas provocado pelos cartéis tiveram efeitos nas esferas urbanas da Colômbia como assassinatos desenfreados, ataques à polícia, milícias ou grupos armados de jovens. O fator mais preocupante era o número alarmante de homicídios, atingindo um marco de 90 mil homicídios por 100 mil habitantes e esses dados tinham relação clara com o tráfico de drogas. (PÉCAUT, 2010).

Diante dos fatos ocorridos, não somente na Colômbia, mas como em outras partes do mundo, estimava-se que haveria uma diminuição na atuação das guerrilhas e um enfraquecimento de suas atividades, o que de fato houve. “(...) O M19 (...) e a maior parte do ELP decidem renunciar às armas e transformar-se em organizações políticas legais. Outros grupos menores, como o Quintín Lame, fazem o mesmo, e em 1994 uma fração do ELN segue o exemplo.”¹¹ Isso foi possível graças a uma transformação das instituições colombianas. (PÉCAUT, 2010).

Apesar de o país aparentar estar no rumo à democracia após as mudanças ocorridas em algumas guerrilhas, o Exército de Libertação Nacional (ELN) e as FARC continuavam empenhados a sua luta armada e continuavam com seus ataques, mesmo que mais enfraquecido. Cabe pontuar que o narcotráfico servia como uma fonte financeira para as guerrilhas, principalmente as FARC.¹² (PÉCAUT, 2010).

Em virtude dos fatos mencionados, os principais acontecimentos que marcaram a trajetória das FARC até uma data mais atual. Seu lema “combinação de todas as

¹¹ PÉCAUT, 2010, P. 43.

¹² O narcotráfico e o contrabando de mercadorias também podem ser citados como artifícios fortes que agem de forma a alimentar financeiramente as FARC, pois juntas são responsáveis por movimentar quantias que giram entorno dos dois bilhões de dólares anuais. Dentre as principais drogas e mercadorias contrabandeadas constam a Cocaína, a maconha e a intensa comercialização de arsenal bélico que servem para armar e concederem um poder relativo a esta entidade, frente às forças que tentam combatê-la. (GUEVARA, 2010, P. 232-233).

formas de luta” continua a ditar seu modo de conduta, porém seu viés de atuação estava cada vez mais voltado para a luta armada. Suas ações foram impactadas pelos seguintes acontecimentos: extermínio da União Patriótica, ocupação da sede do Secretariado em La Uribe, fracasso do processo de paz de Pastrana, reconquista empreendida pelos paramilitares, modernização das forças armadas e eleição de Álvaro Uribe Vélez à presidência com lançamento de sua política de “segurança democrática”¹³. (PÉCAUT, 2010).

Assim como seu lema de atuação, as FARC também mantiveram o mesmo objetivo de quando iniciaram, que era tomar o poder ou ao menos conseguir mudar o modelo governamental, de um modo que houvesse mudanças sociais e políticas estruturais que levassem ao fim o regime imposto. (PÉCAUT, 2010).

Durante o período que compõe os anos entre 1990-2006, a Colômbia passou por uma mudança de pensamento, em que estudos e influências americanas apontavam a necessidade de alterar o posicionamento militar perante as novas demandas que o país apresentava. Durante o governo de Álvaro Uribe as forças militares e policiais se reorganizaram com intuito de fortalecer o combate contra as FARC. Esse fator foi possível mediante investimento americano nas forças citadas e graças à política de segurança criada pelo presidente. (FONSECA e AZEVEDO, 2018).

Em consequência disso, houve um posicionamento mais ofensivo por parte dos militares que procuraram recuperar território ocupado pelas FARC e assim conseguiram restabelecer um governo funcional nestas regiões. Em virtude desse ato, ocorre um desgaste das FARC pois a mesma está enfraquecida diante os conflitos com militares, assim optam por recuarem a regiões mais isoladas do país. (FONSECA e AZEVEDO, 2018).

Em virtude dos fatos mencionados, as FARC tiveram que se adaptar diante os problemas estruturais que estavam passando. Assim, nessa nova etapa, ocorreu uma divisão de seus guerrilheiros de modo que formaram pequenos grupos que foram dispersos territorialmente, ocasionando uma perda de controle territorial, que antes era uma vantagem, pois implicava uma movimentação contínua do grupo. (FONSECA e AZEVEDO, 2018).

Levando-se em consideração esses aspectos é possível visualizar uma diminuição de guerrilheiros, território e poder das FARC, visto que o Estado estava fortalecido estruturalmente e financeiramente. Porém, mesmo com essas vantagens, o governo colombiano

¹³ PÉCAUT, 2010, P. 113.

não era capaz de combater definitivamente as FARC e as mesmas não iriam desistir de lutar a favor de seus ideais. Por esse motivo, o governo colombiano decidiu fazer outro acordo para selar parceria com as FARC. (FONSECA e AZEVEDO, 2018).

O acordo de paz era vantajoso de certo modo para os dois lados, tanto do Estado (militares) como para os próprios membros das FARC, visto que as guerrilhas se encontravam enfraquecidas e o Estado já não encontrava instrumentos que fossem capaz de derrotar de vez as FARC.

Diante o exposto cabe ressaltar que não é possível afirmar que as FARC cessaram suas atividades criminosas, tampouco deixaram de lutar pelos seus ideais e filosofias. A Colômbia continua com seus problemas estruturais enraizados como desemprego, violência, tráfico de drogas, desigualdade e outros, ocasionando uma constante luta perante os colombianos. Sendo assim, o país busca por uma evolução e sucesso, mesmo sabendo que será necessário muito esforço e contínuas mudanças.

2.4 MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO CUBANO

A partir dos países discutidos acima é possível dizer que Cuba teve um importante papel na formação de guerrilhas na América Latina, visto que as revoluções ocorridas e os seus líderes como Che Guevara e Fidel Castro serviram como inspiração para que grupos de lutas armadas de esquerda fossem criados.

No ano de 1959 ocorreu a famosa *Revolução Cubana* liderada por Fidel Castro e Che Guevara, que durante muitos anos planejaram a derrubada do governo do ditador Fulgencio Batista. Nos anos anteriores realizaram outras tentativas de tomar o poder, porém não foram eficaz o bastante para obter sucesso. (PRADO, 2013).

Uma dessas tentativas ficou conhecida como Movimento de 26 de julho e consistia em um assalto ao Quartel Moncada pelos grupos rebeldes comandados por Fidel Castro no dia 26 de julho de 1953. O intuito dessa ação era dar início a uma revolta que fosse capaz de afetar o governo de Fulgencio Batista, que ocupava o poder depois de um golpe militar em 1952. Nesse evento os guerrilheiros tinham o intuito de assumir o controle dos quartéis e distribuir as armas do Exército à população e pretendiam incitar uma revolta dos trabalhadores contra o governo por meio de um pronunciamento na rádio. (PRADO, 2013).

Entretanto, essa operação não obteve sucesso e fracassou. Principalmente pela desvantagem numérica dos guerrilheiros contra o Exército. O planejamento consistia em um ataque surpresa, mas antes que pudessem ocupar as posições desejadas nos quartéis, os grupos foram descobertos e desse modo decidiram pela retirada dos locais onde o combate seria realizado. Além do fracasso completo da operação, muitos rebeldes morreram e/ou foram presos. (PRADO, 2013).

Mesmo após a tentativa frustrada em instigar uma revolta no país, os guerrilheiros não desistiram de lutar contra o governo. Durante 3 anos (1956-1959) eles continuaram em Cuba com a luta armada. Em janeiro de 1959 finalmente tiveram sucesso na conhecida Revolução Cubana. A partir dessa conquista, os líderes se preocuparam em firmar a legitimação do novo governo. Os revolucionários tinham a intenção de marcar as datas de quando as lutas mais importantes aconteceram para ficar registrado na história e serem celebradas. Portanto datas como 26 de julho de 1953 e 1º de janeiro de 1959 são importantes datas para os cubanos. (PRADO, 2013).

Ainda que o dia 26 de julho seja considerado um fracasso, os revolucionários se consideram vitoriosos, pois mesmo após a derrota desse dia, enxergaram o lado positivo dessa batalha que foi o início da luta para libertar o povo de seus opressores e instigar o sentimento de revolução na sociedade cubana. Assim essa data ficou marcada como “o dia da rebeldia nacional”¹⁴. Desse modo essas celebrações têm um importante significado em torno da Revolução, principalmente para legitimar e criar uma consciência revolucionária. (PRADO, 2013).

Após a derrota de Batista e a conquista da Revolução Cubana, ocorreram algumas mudanças no governo, incluindo uma nova forma de regime e novos líderes no comando. A principal mudança foi a adesão do regime socialista, derivado das contribuições acadêmicas de Marx e Lênin. Fidel Castro procurou legitimar esse regime principalmente pela acusação de estar seguindo o regime comunista. Segundo ele, países opositores (como Estados Unidos) caracterizavam a Revolução Cubana como comunista com o intuito de incentivar uma divisão entre o povo cubano e abalar o governo revolucionário. (PRADO, 2013).

¹⁴ PRADO, 2013, P. 22

Porém, Fidel Castro se empenhou para reverter essas acusações, alegando que não implantou um regime comunista e sim uma “Revolução democrática e humanista”¹⁵ e que serviria como “um modelo de esperança para todos os povos da América Latina”¹⁶ A Revolução possuía caráter nacional, direcionada para os cubanos, assim, Fidel Castro pregava a humanização da Revolução. (PRADO, 2013).

Na década de sessenta está presente em Cuba uma “consciência revolucionária” por ser considerado o primeiro país da América Latina a se tornar socialista. (PRADO, 2013). Nesse mesmo período o cenário político mundial estava concentrado nos países comunistas. Assim, Cuba se encontrava próximo da política soviética, pois ambas tinham conflitos tanto com os Estados Unidos como com a China. Desse modo, Cuba foi considerado um importante aliado dos soviéticos na América Latina. (SALES, 2005).

Em importantes reuniões para debater esse tema, o posicionamento cubano era em torno de apoiar os grupos que pretendiam realizar luta armada no continente por meio da guerra de guerrilhas. Dessa forma era oferecido treinamento guerrilheiro e ficou explícita a vontade dos cubanos em exportar o modelo de revolução para o continente com o objetivo de se tornar uma referência ou um centro revolucionário. (SALES, 2005).

A partir da visão cubana, os partidos comunistas se posicionaram contra a nova política de Cuba, visto que pretendiam exportar a revolução para os países latino-americanos. “O dever de todo revolucionário é fazer revolução” era o que os cubanos disseminavam, e com isso vários grupos se inspiraram nos exemplos cubanos, principalmente na utilização da guerra de guerrilha. (SALAES, 2005).

Tendo em vista esse contexto, é possível afirmar que o regime cubano teve um grande impacto sobre as esquerdas latino-americanas. Seu exemplo vitorioso influenciou uma juventude com pensamentos revolucionários e com a legitimação da luta armada. Portanto, na década de sessenta, surge uma série de grupos motivada pelo feitos da Revolução Cubana, inclusive no Brasil. (SALES, 2005).

¹⁵ PRADO, 2013, P. 48

¹⁶ PRADO, 2013, P. 48

2.5 MOVIMENTOS DE ESQUERDA NO BRASIL

O Brasil vivenciou uma trajetória marcante, no que se trata de guerrilhas. Primeiramente, o período político que desencadeou o desenvolvimento das lutas armadas foi marcado pela ditadura militar (1964-1985). Sendo assim, cabe pontuar brevemente os acontecimentos que marcaram o golpe militar no Brasil.

O Presidente da República era Jânio Quadros e seu vice era João Goulart. Em 1961, o presidente renunciou ao cargo, então João Goulart assumiu a vaga da presidência. Contudo, seu governo foi marcado por descontentamentos por parte dos opositores e principalmente pelos militares.

Anteriormente a esse cenário, alguns fatores foram propícios para que o regime militar se instalasse no Brasil, como: a baixa da economia, a falha dos planos criados para corrigir problemas estruturais do país, a alta inflação, a ocorrência de greves e manifestações, desavenças com os Estados Unidos e aproximação com países comunistas como URSS e Cuba. (NETO e TASINAFO, 2007).

O governo de João Goulart era considerado um governo que investia na promoção da justiça social, valorizava os direitos trabalhistas e entendia a importância das reformas de base, como agrária, tributária, educacional, eleitoral. Seu governo atuava na tentativa de limitar o envio dos lucros do capital estrangeiro para fora do país, pois ele governava para a independência brasileira nas relações exteriores, algo que contrariou a burguesia do Brasil. (LARA e SILVA, 2015).

Assim exposto, um dos maiores opositores do presidente eram os militares. Baseados nos acontecimentos que o país estava enfrentando, os militares decidiram tomar o poder das mãos de Jango. No dia 31 de março de 1964, no Rio de Janeiro, ocorreu o chamado “Golpe Militar”. Segundo Neto e Tasinafo (2007) a atitude do presidente reforçou ainda mais o sentimento dos militares em tomar o poder.

A inércia do presidente não desbaratou a conspiração e o que se exigia dele, para permanecer no poder, era uma humilhação política. Ele teria que demitir ministros de esquerda e negar os pontos que defendera até então. Entre tomar uma posição de esquerda, em defesa de medidas radicais e de confronto com as tropas do oficial mineiro, e uma decisão de direita, com a interrupção da conspiração e o abandono de suas propostas reformistas, o presidente perdia apoios. (NETO e TASINAFO, 2007, p. 839).

Pois bem, após a instauração do regime militar o Brasil ficou marcado pelas seguintes características: políticos e lideranças sindicais tiveram seus direitos políticos cassados, aumento da repressão política, com restrição de liberdades e direitos; maior atividade dos movimentos armados de esquerda; controle da imprensa, movimentos sociais, criação artística e universidades. (NETO e TASINAFO, 2007).

O Marechal Castelo Branco tomou posse e instituiu um regime ditatorial no Brasil. Os militares agiam de forma violenta e atuaram nas prisões de vários líderes, com torturas, assassinatos, expulsão de líderes da esquerda do país, intervindo em sindicatos. Castelo Branco cassou os direitos políticos de alguns políticos e demitiu funcionários públicos. Visando ressaltar ideias anticomunistas, o governo pretendia promover a internacionalização da economia e a reconcentração de renda, deixando o poder sob domínio de corporações transnacionais e com o capital financeiro e industrial internacionais. (LARA e SILVA, 2015).

Levando-se em consideração esses aspectos, o governo dos militares procurou basicamente anular as conquistas econômicas e sociais que o governo de João Goulart havia conseguido. Desse modo, Castelo Branco revogou leis, principalmente as que abrangiam questões internacionais, estabeleceu reajustes salariais desfavoráveis aos trabalhadores, revogou decretos em que eram destinadas terras para reforma agrária e permitiu que os Estados Unidos tivessem maior garantia ao capital. Também criaram leis que afetavam diretamente o direito e qualidade de vida dos trabalhadores. (LARA e SILVA, 2015).

Conforme o exposto, as medidas realizadas pelos militares à sociedade brasileira geraram um grande descontentamento e revolta. Com o intuito de combater o regime imposto, um grupo da esquerda do país resolveu pegar armas para conquistar o poder e fazer uma revolução. Esse grupo originava-se das ideias políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e possuía grande influência nos sindicatos e movimentos sociais, setores que foram afetados diretamente pelas decisões militares. Assim, ficaram conhecidos pelo nome de Nova Esquerda, que era considerada revolucionária. Não achavam possível iniciar uma revolução de modo pacífico, por isso consideravam necessário o uso de armas. (ANGELO, 2011).

Contudo, nesse mesmo período, vários países da América Latina estavam enfrentando uma situação semelhante ao Brasil. Após a 2ª Guerra Mundial, muitos países encontravam um regime autoritário formado após um golpe e possuíam apoio estadunidense. Apesar de cada país possuir seus motivos internos particulares para o surgimento da ditadura, o sentimento contra esse regime era bastante semelhante nos países latino-americanos, e assim,

surgiram os grupos armados como forma de combater a ditadura militar de cada país. (ANGELO, 2011).

Portanto, com intuito de lutar contra os regimes impostos, surgiram vários grupos de guerrilhas, que eram as lutas armadas, para incitar uma revolução no país. Como visto anteriormente, algumas guerrilhas criadas nesse período foram *Ejército de Liberación Nacional* (ELN) na Bolívia; *Montoneros e Ejército Revolucionario del Pueblo* (ERP) na Argentina, entre outros. Não se pode deixar de mencionar que o surgimento das lutas armadas tiveram influência direta com as ideias da Revolução Cubana, com o conceito de homem novo que inspiravam. (ANGELO, 2011).

A Revolução Cubana teve um impacto decisivo para incentivar a esquerda latino-americana a iniciar um combate armado, principalmente na relevância das ideias socialistas, no debate político-ideológico e também Cuba realizou um treinamento para guerrilheiros, assim os grupos armados enviaram guerrilheiros para receberem treinamento. Outra influência foi a utilização da guerra de guerrilha para chegar ao poder, visto que após isso os guerrilheiros cubanos conseguiram tomar o poder de seu ditador. (ANGELO, 2011).

Dentro desse contexto histórico pode-se descrever a participação importante que o guerrilheiro Carlos Marighella exerceu na formação das guerrilhas no Brasil. Ele fundou a Ação Libertadora Nacional (ALN) que era uma organização armada com origens no PCB (partido de Marighella) em 1968. O mesmo viajou para Cuba para participar da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS) que pretendia integrar as esquerdas do continente com ideias revolucionárias e realizar o treinamento de guerrilheiros. Entretanto, os comunistas não participaram oficialmente das OLAS, pois as ideias eram contraditórias em relação as ideias do PCB, sendo assim, a presença de Marighella na reunião ocasionou sua expulsão do Partido Comunista Brasileiro. (ANGELO, 2011).

Marighella não conseguia enxergar outra forma de lutar contra o regime ditatorial a não ser por meio da guerrilha. Acreditava que dessa maneira despertaria o sentimento revolucionário no Brasil e que alcançaria sucesso assim como em Cuba, visto que os dois países estavam passando por momentos políticos parecidos, como a influência dos Estados Unidos, os problemas sociais principalmente com os mais necessitados e o governo comandado por militares. (ANGELO, 2011).

Contudo, cabe ressaltar que a Ação Libertadora Nacional (ALN) possuía algumas diferenças ideológicas em comparação com Cuba. Para a ALN a guerrilha tinha que

ser móvel e com capacidade para atingir diferentes locais, não apenas em um território, como era no cenário cubano. A forma de luta política por meio de terrorismo eram válidas por terem como objetivo expandir a revolução de um modo considerado radical. Ainda com algumas diferenças, os dois países enfrentavam um cenário político parecido e agiam em congruência ao se tratar da guerra de guerrilhas. (ANGELO, 2011).

Em uma perspectiva histórica pode-se considerar que na década de 1960 foi a primeira vez que o Brasil se deparou com sentimentos revolucionários visando uma mudança nas áreas sociais, culturais e políticas. E a luta armada comandada pela Nova Esquerda foi responsável por proporcionar esse anseio por mudança.

A construção de uma nova humanidade esteve ligada ao passado, na idealização do homem do povo, onde a esquerda foi buscar sua verdadeira inspiração para construir uma sociedade redimida. O homem padrão, do povo, tinha raízes rurais, era do interior, estava o “coração do Brasil”. Imaginava-se que ele não estaria contaminado pela modernidade urbana capitalista, que não haveria sucumbido ao poder e fascínio do dinheiro e do consumo. Era no passado que se buscava solucionar o problema da identidade política do povo brasileiro, unindo a identificação de suas raízes com o desejo de superar o subdesenvolvimento.¹⁷

É válido mencionar que nesse período o país estava sendo influenciado por alguns fatores que foram propícios para despertar o sentimento de mudança entre a população como, por exemplo, o crescimento da classe média e o aumento do acesso ao ensino superior, crescente urbanização, maioria da população composta por jovens. O fator mais importante pode ser considerado a urbanização, pois a partir dela novos hábitos foram impostos e desse modo mudou a forma de morar, pois a partir da urbanização, houve uma concentração grande populacional em um mesmo espaço, ocasionando as mobilizações políticas e sociais. (ANGELO, 2011).

Assim, desempenharam um espaço importante na economia do país, ocasionando uma crescente especialização da sociedade. Devido a pressa que ocorreu o processo de urbanização, alguns problemas surgiram nos anos subsequentes, principalmente pelo crescimento que não foi planejado corretamente e a falta de estrutura dos principais centros urbanos. Uma quantidade alta de moradores rurais era atraída para a zona urbana em busca de trabalho nas indústrias, aumentando a população urbana. (ANGELO, 2011).

Com o cenário brasileiro descrito acima, cabe salientar algumas considerações a respeito das guerrilhas que foram importantes para sua consolidação. Um fator

¹⁷ ANGELO, 2011, P. 37

relevante foi que a maioria dos grupos de luta armada que surgiram tiveram origem no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Outros partidos foram criados decorrentes de desacordo com questões políticas do PCB, desse modo suas ramificações levaram a criação de outros partidos, como POLOP (Organização Revolucionária Marxista-Política Operária). (ANGELO, 2011).

A Organização POLOP foi criada no ano de 1961 por um grupo pertencente ao PCB que passou a não concordar com a avaliação oficial sobre a realidade brasileira. Para eles o capitalismo já predominava no país e desse modo acreditavam que a revolução poderia acontecer sem a união de classe entre trabalhadores e os burgueses, necessitando apenas manter os ideais socialistas. (ANGELO, 2011).

Entretanto, no ano de 1967, houve uma ruptura na organização da POLOP resultando na criação de dois importantes grupos de luta armada. As divergências que ocorreram dentro do partido eram a respeito ao valor agregado ao trabalho de massas, à incitação da luta armada e qual seria o objetivo da organização nesse momento. Assim, alguns militantes se uniram e formaram grupos dois separados como COLINA (Comando de Libertação Nacional), VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) que se aliou com o restante do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário). (ANGELO, 2011)

O MNR também era conhecido como a guerrilha do Caparaó e era formado em sua maioria por ex-militares de baixa patente que foram processados ou expulsos das Forças Armadas após o golpe. Apresentaram a tentativa mais concreta de iniciar a luta armada no Brasil, porém, a polícia conseguiu conter suas atividades no período de apenas quatro meses. Sendo assim, o restante desse grupo se vinculou com os guerrilheiros do VPR. (ANGELO, 2011).

Esses dois grupos são considerados relevantes pois participaram de ações armadas importantes no cenário das guerrilhas daquele período. Podem-se citar roubos, ataque à bomba, assassinato. Entretanto, enfrentaram uma série de repressões a partir desses episódios. Com isso, sofreram muitas baixas na organização, combateram militares armados e com isso despertaram uma onda de raiva incitando torturas, perseguições e prisões com os militantes das organizações. (ANGELO, 2011).

Dado o exposto, os guerrilheiros que remanesceram se juntaram e formaram um novo partido, a VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares) em 1969. Esse grupo concretizou o que foi considerado o mais bem sucedido ataque em nome da esquerda

armada, o roubo do cofre da amante do governador paulista Adhemar de Barros, que rendeu ao grupo a quantia de quase U\$ 2,6 milhões.¹⁸ (ANGELO, 2011).

Outra importante organização que entrou no ramo da luta armada foi o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Esse partido surgiu em função de rompimentos do PCB (Partido Comunista Brasileiro) após discordarem de atos cometidos pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Desse modo o PCB se dividiu em grupos de oposição, um deles o PCdoB. Como partido possuíam diferentes ideias diante uma política nacionalista e democrática, buscando unir os trabalhadores e a burguesia nacional com intuito percorrer um caminho mais pacífico para concretizar a revolução. (ANGELO, 2011).

O PCdoB foi o único partido da esquerda que criou uma guerrilha rural, na região do Araguaia (estado de Tocantins). Nessa região haviam homens que tiveram treinamento militar na china e assim enviaram grupos para se misturarem com a população local, maioria grileiros, garimpeiros e camponeses e desse modo teriam apoio deles quando quisessem iniciar a guerrilha. (ANGELO, 2011).

Entretanto, alguns militantes consideravam que havia falhas na adesão a luta armada dentro do PCdoB e assim o partido sofreu duas divisões. Um grupo formou o PCR (Partido Comunista Revolucionário) e outros se juntaram e formaram o grupo conhecido por Ala Vermelha. (ANGELO, 2011).

O golpe de 64 também abalou as estruturas do PCB, pois “uma intensa disputa interna foi estabelecida a fim de examinar as causas do fracasso e definir a tática do partido em meio à nova conjuntura”¹⁹. Após refletirem seu posicionamento, chegaram à conclusão de que havia ocorrido um desvio à esquerda, o que significa que o partido não esperava a força que a sociedade possuía, não avaliando corretamente as condições objetivas da revolução. O PCB se deixou influenciar pelo presidente, não preparando sua militância para o golpe. (ANGELO, 2011).

Para evitar um novo desvio à esquerda, o partido decidiu encerrar seu caminho pela luta armada e focou sua política como partido de oposição à ditadura. Assim se uniram e criaram o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1966. Na mesma época, o líder do PCB impulsionou revoltas na base das esferas estudantis, criando as chamadas Dissidências Universitárias (DI). Em 1968 os líderes abandonaram as causas estudantis e o DI

¹⁸ ANGELO, 2011, P. 62

¹⁹ ANGELO, 2011, P. 63

entrou no ramo da luta armada como MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e realizaram sua ação mais conhecida que foi o sequestro do embaixador americano no Brasil Charles Burke Elbrick. A DI resolveu adotar o nome de MR-8 justamente para desmoralizar a ditadura, assumindo o nome da mesma organização que os militares diziam ter derrotado. (ANGELO, 2011).

O Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) foi outra corrente do PCB pretendia criar um novo partido de viés marxista e respeitava a necessidade de uma união com a burguesia. Percorreram um caminho em torno de uma revolução socialista. Iniciaram suas ações armadas urbanas, entretanto, no começo de suas atividades seu grupo foi derrotado, ocasionando morte ou prisão de vários militantes. (ANGELO, 2011).

Analisando o quadro dos grupos de lutar armada da esquerda, pode-se observar que alguns principais grupos iniciaram correntes políticas e atraíram seguidores, mas diante desentendimentos ocorridos entre seus membros, esses grupos foram desmembrados em grupos menores, resultando em um grande número de grupos armados de esquerda, o que contribuiu para sofrerem alta repressão.

2.5.1 BRASIL NA ATUALIDADE

No período histórico retratado, o país vivenciava um alto índice de repressão por parte da sociedade, principalmente pelo fato de os militares comandarem o país. Desse modo, as guerrilhas tiveram um alcance maior para disseminar seus ideais, pois a sociedade também demandava mudanças. Porém, em 1985, quando um novo presidente foi eleito, pode-se considerar o fim da ditadura. Neste cenário, o Brasil encontrou uma nova fonte de perigo, as chamadas organizações criminosas.

De acordo com a legislação brasileira, a lei nº 12.850/13 engloba as características da organizações criminosas:

§ 1º Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas

penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional.²⁰

Com o passar dos anos, as atividades das organizações criminosas ganharam maior proporção no Brasil. Sua definição ampla permite diversas interpretações da lei, situação também que impede existir um consenso acerca do significado exato do que seria uma organização criminosa. (FARIA, 2010).

Similarmente como em outros países, no Brasil as organizações criminosas atuam principalmente no âmbito de tráfico de armas e drogas, praticam crimes como homicídios, lavagem de dinheiro, roubos a bancos e outras instituições financeiras, praticam atos corruptos, entre outros. Ainda que suas ações sejam parecidas, em outros países as organizações criminosas podem ser conhecidas por “Máfia” (Itália), “Cartéis” (Colômbia e México), “Yakuza” (Japão). (FARIA, 2010).

Autores não conseguem chegar a uma definição exata do que caracteriza de fato uma facção ou organização criminosa. A legislação também não aborda todos os componentes discricionários que englobam todas as características presentes nas ações praticadas por organizações criminosas, o que contribui para o seu avanço. (FARIA, 2010).

Um fator que contribui para aumentar o poder das organizações criminosas e que diminui a força das entidades que combatem esses crimes está na localidade das facções criminosas. As mesmas se encontram espalhadas por todo o país, dificultando rastrear e mapear suas atividades, membros e concentração. Dessa forma conseguem espalhar com mais facilidade seus integrantes e assim possuem maior visibilidade para realizar seus crimes. (FARIA, 2010).

Além desse fator, outra vantagem que as organizações criminosas possuem se encontra no poder de infiltração dentro da sociedade. Participantes desses grupos podem estar presentes em qualquer repartição, pública ou privada, ou até mesmo podem se utilizar de pagamentos para “comprar” funcionários vinculados a essas instituições a fim de colaborarem com seus atentados criminosos. Esse fator contribui para aumentar o risco que essas

²⁰ BRASIL. *Lei nº 12.850, de 02 de agosto de 2013*. Define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal.

organizações oferecem à sociedade, contribuindo ainda mais para a corrupção do país. (FARIA, 2010).

Muito se ouve falar sobre algumas das principais facções que impõem medo e comandam ações criminosas, conhecidas como Comando Vermelho (CV) e Primeiro Comando da Capital (PCC). Entretanto, existem outras facções, menos conhecidas, que exercem atividades semelhantes e estão espalhadas pelo país. Na Tabela 1 pode-se exemplificar alguns estados e siglas dessas facções criminosas. (FARIA, 2010).

Quadro 1.

ESTADO	FACÇÕES CRIMINOSAS
SÃO PAULO	CRBC, CDL, SS, TCC
RIO DE JANEIRO	CV, ADA, TC
MINAS GERAIS	COMOC
NORDESTE	CNN, PCN
CENTRO-OESTE	PLD, PCMS, PCL

(FARIA, 2010).

2.5.2 PRIMEIRO COMANDO DA CAPITAL (PCC)

O PCC é considerado a maior e mais influente facção criminosa no Brasil. Possui extensão até mesmo em outros países, como Uruguai, México, Colômbia, Paraguai e Bolívia. Estima-se que sua criação ocorreu no dia 31 de agosto de 1993 e atualmente possuem cerca de quinze mil integrantes, tanto no Estado de São Paulo como em outras unidades prisionais. Foi formada inicialmente com o intuito de lutar pelos direitos dos presos nas penitenciárias e possuíam o lema “liberdade, justiça e paz”. Tiveram vários fundadores naquela época, mas atualmente seu principal líder representante é Marcos Willians Herbas Camacho, conhecido como “Marcola”. (FARIA, 2010).

Por possuírem uma estrutura piramidal, seu comando é dividido em células, permitindo que as atividades criminosas continuem mesmo sem a presença dos seus líderes, que se encontram privados de liberdade. (FARIA, 2010).

Curiosamente, as estruturas do PCC são comparadas às estruturas de uma empresa, visto que esta facção é capaz de movimentar milhões de reais por ano, gera emprego,

sendo considerada uma “multinacional do crime”. Uma característica forte desse grupo é a organização. Sabem que para obter sucesso em suas várias formas de crime precisam criar e seguir regras. Por isso possuem um estatuto que regula e disciplina a facção. (FARIA, 2010).

Dentro dessa, facção perpetua um fenômeno de violência. Além de agirem de forma violenta com a sociedade, por meio de roubo, corrupção, mortes entre outras coisas, os membros da organização agem com violência entre si caso descumpram o estatuto. De acordo com Silveira (p. 106, 2008, *apud* FARIA, 2010, p. 32):

Acontece que a pena para o descumprimento das regras adotadas pelas facções criminosas é a morte do faltoso. Como se vê, o crime organizado adota a pena de morte como regra básica. E a pena capital é aplicada pela simples quebra de sigilo.

As estruturas responsáveis para lidar com esses casos envolvendo facções criminosas são muito falhas no país. Primeiramente por possuir brechas na legislação, baixa impunidade, fraqueza no controle das fronteiras e principalmente pela corrupção que ocorre dentro dos próprios órgãos que combatem crimes.

2.5.3 COMANDO VERMELHO (CV)

A facção criminosa CV é umas das mais antigas do país. Teve seu surgimento na época da ditadura militar (anos 80) no Rio de Janeiro, dentro do Instituto Penal Cândido Mendes. Seu surgimento ocorreu por conta do convívio entre os presos comuns e os presos políticos, que se uniram para lutar por seus direitos. Como todo grupo de crime organizado, o CV utiliza como principal fonte de renda o tráfico de drogas e armas. (FARIA, 2010).

A partir desse cenário, “os presos políticos pregavam o socialismo e ensinavam técnicas de guerrilha para os presos comuns” (CECCATTO, 2007, p.09) e assim ficou marcado o surgimento do Comando Vermelho, utilizando-se dessa ‘luta’ para garantir direitos dos presidiários e para barrar as crueldades que eram cometidos contra eles. Dessa forma, conseguiram dominar o presídio.

O Comando Vermelho era constituído por pessoas com alto nível intelectual, propiciando dessa forma uma liderança forte que cativou o respeito de vários presidiários, adquirindo um certo domínio do presídio, possibilitando assim, fugas e entrada de drogas na prisão. Assim, criou-se oportunidade para o tráfico de drogas entrar em cena, inclusive tráfico internacional. (CECCATTO, 2007).

A partir da expansão do comando do Comando Vermelho, que assumiu controle da maioria dos pontos de venda de drogas no Brasil, verificou-se a relação direta que o crime organizado exercia com políticos, pois os traficantes tinham grandes influências nas comunidades, sendo os líderes comunitários importantes no cenário político. (CECCATTO, 2007).

O narcotráfico domina os negócios do CV e, desta forma, gera emprego para os moradores dos morros cariocas. Muitos dos que entram no mundo do tráfico de drogas começam cedo e são levados ao crime por vários motivos. O tráfico atrai crianças e adolescentes, as recruta, as seduz. (CECCATTO, 2007, p. 14).

Curiosamente, o Comando Vermelho utiliza seu lucro com o tráfico em benefício da sua comunidade, fazendo melhorias e favores para a população, fornecendo até mesmo segurança, algo que falta nas comunidades. (FARIA, 2010).

Portanto, é possível concluir que as organizações criminosas causam danos às comunidades e refletem diretamente no meio político. É um dever do Estado, em conjunto com entidades internacionais encontrarem um caminho para solucionar esse problema, que afeta pessoas no mundo todo, trazendo, certamente, muito dano a todos envolvidos, seja direta ou indiretamente.

3 SEMELHANÇAS ENTRE TERRORISMO, GUERRILHAS E GRUPOS CRIMINOSOS

Para relembrar os tópicos que já foram mencionados, primeiramente cabe ressaltar a falta de uma definição única e universal para o termo terrorismo. Seus diferentes significados contribuem para abrir um leque de diversas conclusões a respeito do tema, incluindo não determinar especificamente o que vem a ser um ato terrorista. O consenso elaborado entre os autores são sobre as características que ataques ou terroristas possuem. (ALMEIDA, *et al*, 2017, LAQUEUR, 2016; HOFFMAN, 2006)

Por conseguinte, esse argumento pode ser usado como uma das justificativas para os movimentos guerrilheiros serem encaixados como formas de terrorismo e o mesmo

cabe em relação aos grupos de organização criminosa pois a própria legislação brasileira é confusa em determinar sua definição.

De acordo com Laqueur (2016), o terrorismo teve seu início marcado por alguns acontecimentos como a Revolução Francesa (1789), o surgimento da Ku Klux Klan (1817), posteriormente até mesmo as Guerras, I Guerra Mundial, II Guerra Mundial e a Guerra Fria. Esses fatores foram significantes para despertar uma corrente de terror na sociedade, levando ao surgimento dos atos terroristas.

Como já visto, os movimentos guerrilheiros na América Latina também foram influenciados por acontecimentos que marcaram a história da sociedade latina, principalmente por discordarem do modo como os governantes agiam. Seu início foi marcado pela Revolução Cubana que desencadeou uma série de outras Revoluções e criações de grupos guerrilheiros, que por seguinte influenciaram no desenvolvimento de facções criminosas. (SILVA e LOPES, 2014; BERARDO, 1981; FARIA, 2010).

Assim, após marcantes períodos históricos e acontecimentos na sociedade, tanto grupos terroristas como grupos guerrilheiros sentiram o impulso necessário para iniciar seu processo a favor de seus ideais e contra seus opositores. Inicialmente, ambos tinham como alvo políticos e correntes políticas e pretendiam que seus atos servissem como inspiração para o surgimento de novos grupos.²¹

Segundo as contribuições de Rabelo (2017) e Rapoport (2004) as atividades terroristas podem ser explicadas através de uma corrente de raciocínio denominada “ondas” (*Wave*²²) de terrorismo. Como já elucidado no presente trabalho, cabe reforçar que cada onda foi marcada por um tempo, propósito e modo de agir específico.

Conforme essa visão, o terrorismo navega por diferentes formas, incluindo seus ‘gatilhos’, como por exemplo, guiar suas atividades por conta de meios políticos, sociais ou religiosos, enquanto a criação dos grupos de luta armada são exclusivamente guiados por motivos políticos, ou seja, desgosto com as decisões políticas dos governantes, revolta por desigualdades sociais e outros fatores já mencionados. Assim, pode-se considerar que a questão dos motivos que ambos assinam na sua luta pode ser diferente, pois religião é uma característica apenas encontrada no âmbito de terrorismo.

²¹ RABELO, 2017; BERARDO, 1981.

²² RAPOPORT, 2004, p. 46.

Segundo a teoria das ondas criadas por Rapoport, as atividades das organizações criminosas se assemelham com os atos cometidos pelos terroristas na primeira onda. Como citado por Rabelo (2007) essa onda consistia em alguns ideias, como: acreditar que o terrorismo era a única forma de promover alguma mudança nos governos; incentivar uma revolução anarquista significa atacar importantes figuras políticas e policiais.

Alguns terroristas ofereceram treinamento para outros grupos e assim conseguiam espalhar o terrorismo em outros territórios. Para realizar esses feitos, os terroristas precisavam de financiamento. Desse modo, para concretizar suas ações os terroristas praticavam roubos a bancos e outros meios ilícitos.

Esses aspectos elucidados acima são características que também estão presentes ao se tratar da luta das guerrilhas. Por analogia, pode-se citar que os membros das lutas armadas acreditavam que apenas pela guerrilha era possível atingir seus objetivos; incentivavam a revolução e tinham o intuito de influenciar outros homens; assassinavam figuras políticas e policiais; ofereciam treinamento para outros grupos; utilizavam de roubo e outros atos ilícitos para conseguir dinheiro como financiamento de seus atos. (BERARDO, 1981; PRADO, 2013; ANGELO, 2011).

No cenário atual brasileiro, os membros de facções criminosas utilizam formas de terror semelhante, visto que praticam atos com violência, como assassinato, roubo, sequestros e outros meios criminosos para adquirir recursos financeiros. Seu modo operante como organização permite que os membros tenham controle de seus seguidores e seus atos.

Como já visto, uma marcante estratégia dos grupos terroristas é servir como influência para outros grupos. Sua forma de agir é planejada justamente com intuito de inspirar seguidores a construir seu caminho no meio de atos violentos. Em virtude desse fato, pode-se dizer que as estratégias utilizadas pelos grupos terroristas conseguiram atrair atenção de facções criminosas.

Um exemplo desse fato está no famoso atentado terrorista em New York cometido pela *Al-Qaeda*. Esse ato, além de ser marcante em todo o mundo, pois revela a crueldade com que os terroristas agem em nome de seus ideais, também foi capaz de chamar atenção dos integrantes das facções, visto que foram inspirados pelas ideias terroristas. (FARIA, 2010).

Além disso, as facções criminosas no Brasil também sofreram influência de guerrilhas, que impulsionaram o surgimento de grupos criminosos, como no caso do Comando

Vermelho. Há dados que comprovam que algumas facções tiveram treinamento com as FARC's (Colômbia). Assim como Marighella, que escreveu um livro detalhando as operações das guerrilhas, terroristas também tiveram esse hábito, como exemplo, a autobiografia de Osama Bin Laden, na qual criminosos liam com a intenção de descobrir como ele havia se tornado um dos maiores terroristas do mundo.

No presídio de segurança máxima de Presidente Bernardes, na região oeste do Estado de São Paulo, a autobiografia de Osama Bin Laden tornou-se o livro mais solicitado entre os detentos, a ponto de ser proibido pela diretoria daquele estabelecimento.²³

Outra singularidade entre ambos os fenômenos – guerrilhas e terrorismo – pode ser evidenciada. Assim como Osama Bin Laden escrevera um livro sobre seus feitos e pensamentos, o conhecido guerrilheiro Marighella também publicou livros ensinando o que era uma guerrilha e os princípios que um guerrilheiro devia possuir. Essas estratégias movimentaram seguidores atingindo o objetivo de seus idealistas, que era despertar o desejo de lutar contra o sistema imposto, tanto em uma e outra condição.

Em síntese, os pontos mais comuns entre os terroristas e as organizações criminosas/facções está empregada no uso da violência e privação de paz da sociedade, atingindo diretamente aos direitos humanos e têm amplitude internacional. Constituem em atos imprevistos, algo que dificulta seu combate e com o passar dos anos seus membros e atos aumentam e garantem maior proporção de ação.

3.1.1 CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Trazendo à tona os aspectos mencionados a partir do Artigo 2º da Lei 13.260/16, este trabalho pretende investigar se seria possível classificar os crimes cometidos pelas organizações criminosas como uma forma de terrorismo, já que os mesmos podem aparentar semelhança em seus atos violentos.

A partir da revisão bibliográfica deste trabalho, foi possível verificar que alguns autores consideram que no Brasil nunca houve de fato uma cultura terrorista, inexistindo, portanto, terroristas tramando contra a sociedade brasileira. Entretanto, o país não está isento

²³ PORTO, 2008, p. 80, *apud* FARIA, 2010, p. 36.

de formas violentas e atos que causam mortes, destruição, crimes e outros atos ilícitos que são cometidos pelas organizações criminosas ou facções criminosas.

De acordo com o que se encontra na legislação brasileira, a Lei 13.260/2016 (Lei Antiterrorismo), aborda as tipificações sobre o ato terrorista, suas atribuições e penalidades. Contudo, essa lei não é aplicada para os atos cometidos por membros de organização criminosa ou facções, pois, de acordo com a legislação, esses atos se encaixam na lei 12.850/13 (Organizações Criminosas) que contempla as características das organizações criminosas.

Um fator importante a ser mencionado é o fato de a própria lei 12.850/13 não ter o poder definitivo de enquadrar o criminoso dessas facções, visto que nem mesmo a definição de organização criminosa é bem definida perante a lei. Outro dado relevante é a definição expressa no Artigo 1º, §1º que caracteriza-se por organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas.²⁴ Assim, cabe o questionamento: se um ato for cometido em condições assemelhadas, porém, por 3 pessoas, esse crime não caberia punições de acordo com a citada lei?

Além disso, as penalidades da lei 12.850/13 são relativamente fracas, pois prevê reclusão de 3 (três) a 8 (oito) anos e multa, pena considerada pequena em relação ao crime que as facções criminosas cometem, sendo esse outro fator propício para favorecer o ingresso de pessoas no esquema criminoso, visto que, até em caso de prisão, a penalidade é considerada branda, não impedindo que mais pessoas pratiquem esses atos violentos.

Por outro lado, a Lei Antiterrorista 13.260/16 apresenta uma penalidade mais rigorosa, como: “Pena – reclusão, de doze a trinta anos, além das sanções correspondentes à ameaça ou à violência”²⁵. As tipificações presentes na lei se assemelham com a dos crimes

²⁴ § 1º Considera-se organização criminosa a associação de 4 (quatro) ou mais pessoas estruturalmente ordenada e caracterizada pela divisão de tarefas, ainda que informalmente, com objetivo de obter, direta ou indiretamente, vantagem de qualquer natureza, mediante a prática de infrações penais cujas penas máximas sejam superiores a 4 (quatro) anos, ou que sejam de caráter transnacional. BRASIL. *Lei nº 12.850, de 02 de agosto de 2013*. Define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal); revoga a Lei nº 9.034, de 3 de maio de 1995; e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112850.htm> Acesso em abril 2019.

²⁵ BRASIL. *Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016*. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as leis nºs 7.960, de 21 de

classificados como hediondo, que são considerados inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia, fator que enriquece a penalidade para quem pratica tal crime. (CAVALCANTI e GOMES, 2016).

Na Lei Antiterrorista (13.260/16) em seu Artigo 2º, § 1º, inciso IV, observa-se que:

IV- sabotar o funcionamento ou apoderar-se, com violência, grave ameaça a pessoa ou servindo-se de mecanismos cibernéticos, do controle total ou parcial, ainda que de modo temporário, de meio de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios esportivos, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de geração ou transmissão de energia, instalações militares, instalações de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua rede de atendimento;²⁶

De acordo com esse inciso, é possível verificar que muito dos atos das facções criminosas estão descritos, assim como o caminho que muitos guerrilheiros trilharam para iniciar revoluções e alcançar seus objetivos. Um ponto que se pode destacar também é o uso da violência e a utilização de meios ilícitos para concretizar suas atividades.

Outro artigo importante a ser destacado na Lei 13.260/16 é o Art. 6º no qual disciplina:

Art. 6º Receber, prover, oferecer, obter, guardar, manter em depósito, solicitar, investir, de qualquer modo, direta ou indiretamente, recursos, ativos, bens, direitos, valores ou serviços de qualquer natureza, para o planejamento, a preparação ou a execução dos crimes previstos nesta Lei.²⁷

Nesse sentido, as ações de organizações criminosas podem se encaixar com facilidade na descrição acima, pois para o sucesso de seus atos, os membros dos grupos criminosos precisam planejar com máxima eficácia seus atos, envolvendo terceiros que podem se corromper e que, em tese, também deveriam ser punidos por esses atos.

Nos dias atuais é possível verificar um aumento de territórios comandados por facções criminosas, assim como de seus membros e suas atividades. Grupos que foram

dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm> Acesso em abril 2019.

²⁶ Idem.

²⁷ BRASIL. *Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016*. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as leis nºs 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm> Acesso em abril 2019.

criados há muitos anos, como Comando Vermelho e Primeiro Comando da Capital ainda exercem fortemente influências na sociedade criminosa, comandando um esquema organizado de crimes, violência, assassinatos, entre outras características, mostrando o poder que esses grupos possuem e como são dificilmente ou penalizados pelas autoridades brasileiras. Muitos líderes desses grupos estão privados de liberdade e ainda sim conseguem guiar seus membros para praticarem crimes, causando pânico na população. (ANGELO, 2011; FARIA, 2010).

Para tentar elucidar a hipótese elaborada neste trabalho, cabe citar a existência de um Projeto de Lei nº 9.555 de 2018 que pretende:

Altera redação de dispositivos da Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, Lei nº 12.850, de 02 de agosto de 2013, e da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para reformular o conceito, tipificação e pena de associação a organização criminosa, bem como qualificar como ato terrorista e crime hediondo qualquer ato praticado por organização ou facção criminosa

Esse projeto de lei propõe realizar alterações na Lei Antiterrorismo (13.260/16) para que possa encaixar atribuições pertencentes as organizações criminosas, e assim, demonstrar que no Brasil as atividades desses grupos podem ser comparadas com as ações terroristas que ocorrem em âmbito internacional, sendo um problema de violência grave que necessita de um olhar mais atento perante as autoridades brasileiras sobre esse fenômeno.

CONCLUSÃO

Em uma perspectiva histórica o terrorismo pode ser considerado um grande problema nas sociedades, tendo em vista sua complexidade e por conter elementos de ataques surpresa, violência e mortes. Seus atos considerados intolerantes e cruéis têm feito cada vez mais vítimas e as organizações internacionais não encontraram ainda um meio efetivo para combatê-los. Mesmo com os avanços tecnológicos e esquemas fortes de segurança, terroristas conseguem realizar seus temidos ataques.

Os terroristas consideram seus atos uma forma de reivindicação por algo que não concordam, seja por motivo político, social ou religioso. Trazendo para o cenário brasileiro, esse fenômeno se assemelha às ações cometidas pelas facções criminosas, que foram influenciadas pelas guerrilhas formadas na época da ditadura militar brasileira. Partiam de um ideal de luta social por meio de armas e assim começaram verdadeiras revoluções.

Com o passar do tempo, os grupos guerrilheiros foram diminuindo e se transformaram nas atuais facções criminosas, que são grupos organizados com intuito de enriquecer por meio de atos ilícitos, cometendo diversos crimes, praticando corrupção e principalmente pelo uso da violência, ocasionando mortes e terror na população brasileira.

Com o objetivo do trabalho em perspectiva, foi possível verificar através da revisão de bibliografia que existem diversos pontos em comum entre as ações dos terroristas com as ações das organizações criminosas. Após analisar as leis 13.260/16 (Antiterrorista) e 12.850/13 (Organizações criminosas) foi possível perceber que as organizações criminosas poderiam ser encaixadas no mesmo âmbito jurídico penal da Lei 13.260/16 por possuírem muitos atos semelhantes.

Com base na comparação das leis em vigor cabe-se o entendimento que os legisladores brasileiros devem analisar cada situação específica o crime cometido pelas organizações criminosas e enquadrar seus atos em um tipo penal correto, pois as organizações criminosas estão cada vez mais violentas e atuantes, todavia, a legislação permanece engessada favorecendo a continuidade dos atos ilícitos prejudiciais aos direitos humanos.

O Projeto de Lei 9.555/18 que pretende realizar mudanças na Lei Antiterrorismo e incluir as ações das organizações criminosas na mesma lei exemplifica a importância desse debate que deve ser feito no congresso para que a legislação possa ser

aplicada de forma correta, equilibrada com o intuito de diminuir a problemática de violência no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Débora de Souza de. et al. *Terrorismo: aspectos criminológicos, político-criminais e comentários à lei 13.260/2016*. 1. ed. Salvador: Juspodivm, 2017.

ANGELO, Vitor Amorim. *Ditadura Militar, esquerda armada e memória social no Brasil*. 2010. 225f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, São Carlos.

BERARDO, João Batista. *Guerrilhas e Guerrilheiros no drama da América Latina*. 1ª ed. São Paulo: Edições Populares. 1981.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 9.555/2018*. Altera a Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016, e a Lei nº 12.850, de 02 de agosto de 2013, para reformular o conceito, tipificação e pena de associação a organização criminosa, bem como qualificar como ato terrorista e crime hediondo qualquer ato praticado por organização ou facção criminosa. Disponível em: <
https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=9B8850767C08C7D5545923BEEBA1CC8D.proposicoesWebExterno2?codteor=1642455&filename=Avulso+-PL+9555/2018> Acesso em: 10 abr. 2019.

BRASIL. *Lei nº 12.850, de 02 de agosto de 2013*. Define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal); revoga a Lei nº 9.034, de 3 de maio de 1995; e dá outras providências. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112850.htm> Acesso em: 10 fev. 2019.

BRASIL. *Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016*. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as Leis nos 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Brasília, 17 mar. 2016. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13260.htm> Acesso em 10 fev. 2019.

CAMPOS, Lidiany Mendes. *O Crime Organizado e as prisões no Brasil*. Artigo Científico, CONPEDI, ciências penais UFG, 2004.

CAVALCANTI, Sabrinna Correia Medeiros; GOMES, Olívia Maria Cardoso. Lei antiterrorismo no Brasil e seus reflexos no estado democrático de direito. In: XXV Encontro Nacional do CONPEDI, 2016, Brasília. *Constituição e Democracia II*. Florianópolis: CONPEDI, 2016. 26 artigos.

CECCATTO, Dirceu Ricardo Lemos. *O comando vermelho e a ordem mundial*. 2007. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação – Relações Internacionais) Centro Universitário de Brasília (UniCeub), Brasília, 2007.

ESTEFANI, Alexandre. Terrorismo e direito penal do inimigo. *Saberes da Amazônia*. Porto Velho, V. 1, N. 1, Jan-Abr 2016.

FARIA, Gabriel Corrêa de. *Facções criminosas e o crime organizado*. 2010. 58f. Monografia. Universidade para o desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, bacharel em Direito, Campo Grande.

FAUSTO, Boris. Ensaio Bibliográfico - A interpretação do Nazismo na visão de Norbert Elias. *MANA*. São Paulo, v. 4(1), p. 141-152, Janeiro 1998.

FONSECA, Guilherme Damasceno; AZEVEDO, Christian Vianna de. Colômbia e as FARC: Cenários pós-conflito e repercussões regionais. *Instituto Igarapé/artigo estratégico*. Minas Gerais, v. 34, p. 1-18. Maio, 2018.

G1 RN. *Ataques a ônibus e prédios públicos no RN foram ordenados por facção criminosa, diz MP*. Rio Grande do Norte, 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/ataques-a-onibus-e-predios-publicos-no-rn-foram-ordenados-por-facciao-criminosa-diz-mp.ghtml>> Acesso em: 15 abr. 2019.

G1 SP. *Ceará tem a primeira madrugada sem atentados depois de 13 dias*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/01/15/ceara-tem-a-primeira-madrugada-sem-atentados-depois-de-13-dias.ghtml>> Acesso em: 15 abr. 2019

GODOY, Marcelo; MOREIRA Rene. *PCC ordena atentados simultâneos em RN e MG e põe outros Estados em alerta*. São Paulo, 2018. Disponível em: < <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,pcc-ordena-atentados-simultaneos-em-rn-e-mg-e-poe-outros-estados-em-alerta,70002337672>> Acesso em: 15 abr. 2019.

GUEVARA, kalki Zumbo Coronel. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e sua atuação no cenário internacional. *Revista Eletrônica de Direito Internacional*. Belo Horizonte, v. 6, p. 212-240, 2010.

HOFFMAN, Bruce. *Inside terrorism*. 2 ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 2006

JAKOBS, Gunther. Terroristas como pessoas no direito? *Novos estudos – CEBRAP*. n. 83, p. 27-36, Mar 2009.

LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. Expanded ed. New York: Routledge, 2016.

LARA, Ricardo; SILVA, Mauri Antônio. A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil. *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo, n 122, p. 275-293. Junho, 2015.

MADEIRO, Carlos. *Com presídios dominados por facções, CE tem a 4ª onda de atentados desde 2016*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/com-presidios-dominados-por-faccoes-ce-tem-4a-onda-de-atentados-desde-2016.shtml>> Acesso em: 15 abr. 2019.

MELO, Vera Lucia Monteiro Mota. *O terrorismo e o impacto nos direitos humanos*. 2015. 74f. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas Sociais). Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2015.

NETO, José Alves de Freitas; TASINAFO, Célio Ricardo. *História Geral e do Brasil*. 1. Ed. São Paulo: Editora Harbra, 2007.

- PÉCAUT, Daniel. *As FARC: uma guerrilha sem fim?* 1. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- PRADO, Giliard da Silva. *Guerrilhas da Memória: estratégias de legitimação da Revolução Cubana (1959-2009)*. 2013. 270f. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília.
- RABELO, Ricardo Luiz da Cunha. *A evolução do terrorismo segundo a teoria das quatro ondas do terrorismo moderno*. 2017. 32f. Ensaio. Escola de comando e Estado-Maior do Exército – Escola Marechal Castello Branco, Rio de Janeiro.
- RAPOPORT, David C. *The Four Waves of Modern Terrorism*. In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Cronin and J. M. Ludes. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.
- RAPOPORT. David.
- RAZABONI JUNIOR, Ricardo Bispo. Direito Penal do Inimigo e seu eco na sociedade brasileira: Estudo de caso na Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA). *Revista do laboratório de estudos da violência da UNESP/Marília*. Marília, v. 19, p. 40-57, Maio 2017.
- SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. 2005. 251f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas
- SILVA, Luiz Fernando Mangea da. A luta armada contra a Ditadura Militar: revisitando os debates sobre esse movimento no Brasil e na Argentina. *Intellèctus*. Rio de Janeiro, v. 1, n 1, p. 86-105. Julho, 2017.
- SILVA, Ronildo Augusto; LOPES, Rodrigo Teixeira. *A ressocialização de ex-guerrilheiros em uma sociedade moderna*. 2014. Disponível em: < <https://jus.com.br/artigos/31708/a-ressocializacao-de-ex-guerrilheiros-em-uma-sociedade-moderna>> Acesso em: 12 fev. 2019
- SOUZA, Felipe. *Como PCC recruta 'exército' para fazer ataques nas ruas*. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47229984>> Acesso em 15 abr. 2019.
- VEGA, Nohora Constanza Niño. A experiência de jovens mulheres como combatentes da guerrilha das FARC e do ELN. *Desidades*, v. 11, p. 32-40, jun. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/v11/n11a04.pdf>>. Acessado em: 18 fev. 2019.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. *Revista brasileira de história*. São Paulo, v. 27, n 54, p. 19-38. Dezembro, 2007.